



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º GRAU CANÓNICO)**

**PAULO JORGE MONTEIRO LOPES**

**O Papa João Paulo II e as Jornadas Mundiais da  
Juventude**

**Critérios para um diálogo com as culturas juvenis, a partir  
das suas mensagens**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Alfredo Teixeira

**Lisboa**  
**2018**

## **Resumo**

Este trabalho é um estudo das mensagens do Papa João Paulo II dirigidas aos jovens por ocasião das Jornadas Mundiais da Juventude. O estudo desenvolve-se no domínio da teologia prática, tendo como objeto de estudo as Jornadas mundiais instituídas pelo Papa. Investigando os documentos centrais das Jornadas Mundiais da Juventude e os conteúdos fundamentais, procura descobrir-se a atualidade da mensagem pastoral do Papa aos jovens, confrontando com o perfil da juventude hodierna.

A Jornada Mundial nasceu em Roma, no ano pastoral 1984/1985, com a finalidade de contribuir para a evangelização dos jovens. Celebrou-se a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) inicialmente de três em três anos nas grandes cidades escolhidas pelo Papa e articulando-se com a Jornada diocesana em diversas dioceses no Domingo de Ramos. Este evento estimulou milhares de jovens e apresenta-se como uma fonte importante para a pastoral juvenil conforme a temática preferida para o ano. Sendo assim, as Jornadas mundiais podem inspirar formas de evangelização dos jovens.

As mensagens das Jornadas refletem uma visão do mundo, da pessoa humana e da graça de Deus. Subjacente às mensagens do Papa João Paulo II nas Jornadas, está a centralidade do tema da promoção da dignidade da pessoa humana. O Papa dirige-se aos jovens pedindo o empenho de todos na promoção da paz diante das divisões sociais, na construção da civilização do amor, na defesa dos valores diante da cultura de morte. Chama a atenção para os valores superiores espirituais, como a liberdade, a justiça, o amor e a responsabilidade.

**Palavras chave:** Jornadas Mundiais da Juventude, João Paulo II, culturas juvenis, pastoral juvenil.

## **Abstract**

This work aims to study the messages addressed to young people by Pope John Paul II at the time of World Youth Day. The study is developed within the scope of a practical theology, having the World Youth Day instituted by the Pope as an object of study.

Investigating core documents and fundamental issues on World Youth Day, it seeks to find out the relevance of the Pope's pastoral message for young people on that occasion, by confronting such documents and concepts with the contemporary youth profile.

The World Youth Day was born in Rome in the pastoral year of 1984/1985, to foster and contribute to the evangelization of young people around the world. The World Youth Day was initially celebrated every three years in some great cities chosen by the Pope, being also celebrated as a diocesan journey at various dioceses on Palm Sunday.

This event inspired thousands of young people and appears indeed as an important source for youth ministry, according to the theme chosen in a certain year. Therefore, these world journeys can surely mobilize inspiring ways to evangelize young people.

The received message during the journeys reflects an important vision about the world, the human person and the Grace of God. Underlying the messages of Pope John Paul II is the central theme which is to promote the dignity of the human person.

Pope addresses young people asking them and all for commitment to promote peace – when facing social divisions – to ground a civilization for love, and to defence values before the culture of death.

This is a message drawing youth attention to higher spiritual values such as freedom, justice, love and responsibility.

**Keywords:** World Youth Day, Pope John Paul II, youth ministry, youth cultures.

## **Siglas e abreviaturas**

<b>MJDJ</b>	Mensagem da Jornada Diocesana da Juventude
<b>HJDJ</b>	Homilia do dia da Jornada Diocesana da Juventude
<b>DJMJ</b>	Discurso da Jornada Mundial da Juventude
<b>MJMJ</b>	Mensagem da Jornada Mundial da Juventude
<b>Mens</b>	Mensagem
<b>GS</b>	Constituição Gaudium et Spes
<b>MMCS</b>	Mensagem para o dia Mundial da Comunicação Social
<b>MEU</b>	Mensagem para os Estudantes Universitários
<b>JMJ</b>	Jornada Mundial da Juventude
<b>JDJ</b>	Jornada Diocesana da Juventude

## **Introdução**

As Jornadas Mundiais da Juventude, que se afirmaram no seio da Igreja Católica, tornaram-se uma forma privilegiada de comunicação com a juventude contemporânea. O Papa João Paulo II instituiu estas Jornadas com a convicção de que os jovens são os protagonistas de uma nova humanidade. Não as criou somente para os católicos, mas para todos os jovens, procurando ter impacto para além do círculo eclesial católico, tendo em conta as questões da juventude no mundo atual. O ponto de partida deste empreendimento assenta na sã convivência entre todos os seres humanos, em ordem a formar uma nova geração que não pode ser deixada à margem, numa sociedade egoísta, fechada sobre si mesma. A sociedade parece que os esqueceu e o Papa quer confiar aos jovens a responsabilidade de construir um mundo novo como garantia do futuro da humanidade. As Jornadas pretendem ainda reestabelecer ou impulsionar as relações dos jovens com as comunidades cristãs, para que encontrem nesse enraizamento uma resposta às múltiplas questões da sociedade moderna.

O Papa reuniu os jovens em torno dos grandes temas da atualidade e dos valores religiosos, temas estes que têm impulsionado milhares de jovens contemporâneos. Confiando nas características da sua jovialidade, o Papa crê que os jovens podem ultrapassar os obstáculos de uma sociedade praticamente secularizada, em que as famílias cristãs experimentam vários desafios, de modo a estarem prontos a enfrentar os grandes desafios da vida.

Sendo assim, o nosso trabalho pretende analisar os conteúdos fundamentais das mensagens das Jornadas Mundiais da Juventude, em articulação com o contexto social e eclesial nelas subjacente. Com este trabalho pretendemos encontrar um conjunto de critérios para a ação pastoral juvenil e compreender as razões por que os jovens aderem à Igreja ou a deixam.

O que é que há nas Jornadas Mundiais da Juventude de tão atrativo que reúne tantos jovens, e que não se vê facilmente em outros contextos? Como é que João Paulo II se dirige a estes jovens? Quem são estes jovens? Como é que as reflexões pastorais, propostas pelo Papa nas Jornadas, se podem tornar critérios para hoje?

Procurar-se-á organizar os conteúdos das mensagens das Jornadas Mundiais da Juventude em torno dos grandes temas cristológicos, com as suas ramificações eclesiológicas e mariológicas. Vai privilegiar-se uma metodologia de tipo hermenêutico, uma vez que se pretende descobrir os grandes eixos temáticos das mensagens proferidas nas Jornadas promovidas pelo Papa João Paulo II, nos contextos de outros documentos do Magistério, com o auxílio de bibliografia subsidiária. O nosso trabalho divide-se em três capítulos, que se organizam à volta de três grandes temas: o perfil dos jovens contemporâneos, a instituição das Jornadas Mundiais da Juventude, critérios para uma lógica de ação pastoral.

No primeiro capítulo estudaremos os conceitos ligados à definição e compreensão da juventude: a caracterização das culturas juvenis, a juventude e os problemas sociais, a juventude e a fé e, por último, a identidade juvenil.

No segundo capítulo, descreveremos o processo de instituição das Jornadas Mundiais da Juventude, um evento que ganhou grande dimensão no seio da Igreja Católica. Para isso, estudaremos a génese das referidas Jornadas – como marca de um pontificado –, a influência do modelo de Taizé nas mesmas e a sua dinâmica específica. Depois de se explorar estes pressupostos, analisam-se as implicações das mensagens na Igreja e na sociedade: os jovens e o Papa, uma nova evangelização como proposta da pessoa de Jesus com uma nova linguagem, a linguagem de empatia face aos jovens, uma Igreja para os jovens e com os jovens, os jovens como construtores de uma nova civilização, jovens construindo a paz diante dos desafios atuais e, por último, os pressupostos teológicos fundamentais das mensagens (pressupostos antropológicos, cristológicos e mariológicos).

No terceiro capítulo, apresentam-se algumas propostas pastorais subjacentes ou decorrentes das mensagens estudadas. Não se trata de expor toda a teologia do Papa, mas de apresentar sumariamente traços que se descobrem como essenciais para a construção da ação no âmbito da pastoral juvenil.

Concluimos com a identificação de um conjunto de critérios que visam, a partir de uma leitura das mensagens, refletir sobre um modelo concreto de comunidade, uma pastoral diferenciada para cada sector ou grupo juvenil, uma nova saída pastoral, na linha das recentes propostas do Papa Francisco e, por último, uma valorização da cultura digital.

Com este trabalho não pretendemos dar todas as respostas cabais, nem diretrizes pastorais detalhadas para a pastoral juvenil. Procura-se uma melhor compreensão do perfil dos jovens e da visão que o Papa tem sobre os jovens e o seu lugar na Igreja e na sociedade contemporânea.

## CAPÍTULO I.

### Da juventude às culturas juvenis

Para melhor se compreender o conceito de “juventude”, será necessário delimitar e discutir o conceito, confrontando o posicionamento de diferentes autores e dando conta da forma como a sua abordagem foi evoluindo. É necessário estabelecer um conjunto de critérios para compreender o que significa “juventude”, mas é importante perceber também porque é que, do ponto de vistas das ciências sociais, se impôs, nas últimas décadas, o conceito de “culturas juvenis” em detrimento da categoria “juventude”.<sup>1</sup>

A categoria “juventude”, durante um determinado período, foi usada de forma preponderante para identificar um fenómeno ou um grupo social. Notamos que, a partir dos anos 90, os cientistas sociais, que estudam estes grupos humanos ou estas realidades sociais, falam menos de “juventude” e mais de “culturas juvenis”.

O termo “juventude” procura identificar um tempo de transição ou um grupo de transição. Por seu lado, o termo “culturas juvenis” acentua que se trata de um grupo que produz uma certa cultura. Trata-se de um grupo que produz uma linguagem própria, tem a sua forma de ver o mundo, de agir sobre ele, e o resultado de tudo isto produz uma determinada cultura plural – culturas juvenis.

#### 1. O conceito de juventude

A juventude é um período de vida que ocorre, normalmente, entre a infância e a idade adulta. Num plano muito genérico, o conceito de juventude é definido como a fase final da adolescência, correspondente à passagem da dependência à autonomia, à consciencialização e

---

<sup>1</sup> Cf. José Machado Pais, *Culturas Juvenis* (Lisboa: Casa da Moeda, 1996). José Machado Pais, mereceu um maior destaque porque foi um dos que começou a problematizar a questões das culturas juvenis. Publicou um livro de referência em 1996 intitulado “*Culturas juvenis*”. No que diz respeito ao estilo de citação e referenciação bibliográfica, segue-se a norma de Chicago, no que se recomenda para as humanidades.

à tomada de posições responsáveis perante o mundo e os valores ideológicos e culturais.<sup>2</sup> Funciona como momento crucial entre a adolescência e a vida adulta.<sup>3</sup> Esta definição mostra claramente que os sujeitos passíveis de inclusão nessas faixas etárias não podem ser considerados como crianças, nem podem ser considerados como adultos. Esta posição, que parece simplista, constituiu a base e o ponto de partida para a reflexão sociológica sobre a juventude durante algum tempo.

Nas sociedades pré-industriais, essa idade específica de passagem do mundo da adolescência para o dos adultos pura e simplesmente não existia ou era um tempo muito curto.<sup>4</sup> Esta experiência sofreu grande transformação depois dos anos 50. Hoje, o conceito de juventude configura-se no quadro de um novo paradigma social. Para nos situarmos e apoiarmos a nossa posição, seguimos um estudo de Armando Matteo, elaborado sobre esta matéria. Nele afirma-se:

A organização da sociedade determinava, pelo menos até à década de 50 do século passado, que a juventude era um breve intervalo, vivido, entre outras coisas, quase como uma estúpida e insignificante doença [...]. Lentamente, nos últimos cinquenta anos, começou a tomar forma a idade da juventude, à qual ainda hoje, devido precisamente ao seu aparecimento relativamente recente, não foram atribuídos limites precisos. Com efeito, tem início por volta dos 19-20 anos e vai até aos 29-30, embora haja alguns que a prolongam até aos trinta e cinco anos.<sup>5</sup>

Machado Pais, no seu estudo sobre “culturas juvenis”, um assunto que mais adiante iremos abordar, começou por delimitar o campo da juventude entre um termo *a quo* que é a infância e um termo *ad quem* que corresponde à idade adulta. Segundo este autor, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade, associada a

---

<sup>2</sup> Esta situação é certamente preocupante, pois envolve encontrar um equilíbrio entre as relações parentais e familiares por uma parte e as relações sociais por outra. Isso implica que os jovens começam a pensar seriamente sobre como se podem manter por si mesmos e como conseguir lidar com o mundo da vida adulta.

<sup>3</sup> Natália Pais, «Juventude», *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (Lisboa: Editorial Verbo, 1972), 1004.

<sup>4</sup> Cf. Armando Matteo, *A primeira geração incrédula: A difícil relação entre os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas Editora, 2013), 12.

<sup>5</sup> Matteo, *A primeira geração incrédula*, 71–72.

determinados “problemas sociais”<sup>6</sup>. Se são os problemas sociais que determinam o conceito de juventude, então este varia em função do espaço e dos meios sociais, uma vez que estamos perante um conceito dinâmico. Na mesma perspectiva o autor afirma:

A noção de juventude adquiriu uma certa consistência social a partir do momento em que, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o seu prolongamento com os consequentes «problemas sociais» daí derivados – dos tempos de passagem que hoje em dia continuam a caracterizar a juventude, quando aparece referida a uma *fase de vida*.<sup>7</sup>

Justamente porque as atividades que os jovens desenvolvem são sociais no sentido de que há um reconhecimento social da forma mais adequada de as desempenhar, as sociabilidades a que dão lugar são sempre uma forma de instituição de ordenamentos sociais.

No entanto, logo que esta *fase de vida* é tomada não como um *estado ou categoria*, respeitante a um agregado de idades, mas como um processo – como tem sido feito pelas *teorias dos cursos de vida* –, isto é, logo que a juventude é vista em termos de uma *sequência de trajetórias biográficas* entre a infância e a idade adulta, surgem os inevitáveis problemas de instabilidade conceptual operativa.<sup>8</sup>

Sendo assim, para diferentes propósitos, há diferentes idades que definem o que é a juventude ou quem pode ser considerado jovem, uma vez que eles se agrupam por afinidade. Para nos auxiliar na concretização da nossa reflexão, poderemos pensar em alguns aspetos, constantes da base PORDATA disponíveis para o caso de Portugal.<sup>9</sup> Dos doze aos vinte e nove anos o indivíduo adquire o cartão jovem, com dezasseis anos pode casar, trabalhar, conduzir motas, ser responsabilizado criminalmente, conduzir viaturas ligeiros e pesados, votar, ser deputado, comprar álcool e tabaco. A partir dos trinta e cinco anos pode ser Presidente da República.<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> Entendemos estes problemas sociais que são próprios da condição juvenil: droga, alcoolismo, delinquência, desemprego, abandono escolar, suas ocupações na sociedade, etc.

<sup>7</sup> Pais, *Culturas Juvenis*, 31.

<sup>8</sup> Pais, *Culturas Juvenis*, 33-34.

<sup>9</sup> [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt)

<sup>10</sup> Cf. Mário Cameira e Ricardo Garcia, «Os jovens em Portugal: quem são, onde estão e como estão. Um retrato a partir de indicadores estatísticos selecionados», 10 de Maio de 2017, [URL:<<https://drive.google.com/file/d/0Bxb0qOU4f5UoNm9DUHJjVkkzOW8/view>>].

Neste sentido, é conveniente começar por esclarecer os termos. Não sendo, como temos vindo a reiterar, tarefa fácil, é necessário delimitar os critérios para uma definição de juventude. O conceito implica a ideia de uma realidade constituída por múltiplos grupos que se distinguem entre si pelas suas características sociais, económicas e geográficas.<sup>11</sup>

Na delimitação do conceito, procurou-se identificar uma problemática social, teológica, cultural e despertou o interesse de vários autores para estudar a juventude em diversos campos. Ora, de acordo com o referido por Abrunhosa e Sousa, a UNESCO teve a preocupação de acompanhar esta problemática e de lhe dar uma resposta cabal. Por este motivo, a UNESCO encomendou a vários sociólogos o estudo do conceito da juventude.<sup>12</sup> Nos trabalhos daí resultantes, é muito relevante a referência à juventude enquanto facto social homogéneo e globalmente indiferenciado. Estes sociólogos não estão longe do pensamento de Machado Pais quando este refere que:

A juventude tanto pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, como também pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é de o ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si.<sup>13</sup>

Muito esforço tem feito a UNESCO para uniformizar as ideias neste âmbito e, assim, contribuir para a definição de juventude, revelando a preocupação de elaborar critérios para identificar o conceito e estabelecendo um determinado escalão. Para aquela instituição, a juventude compreende-se entre os 15 e 24 anos, apesar de algumas limitações. Este escalão tem, por um lado, utilidade estatística, como instrumento analítico no sentido de se poder examinar a complexa rede das diferenças regionais e nacionais. Por outro lado, este intervalo etário, proposto pela UNESCO, não é unânime entre os sociólogos.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Cf. Manuel Abrunhosa e Sousa, «Critérios para uma definição da juventude», *Communio - Revista Internacional Católica*, nº 6 (1995): 485–91.

<sup>12</sup> Cf. Sousa, «Critérios para uma definição da juventude», 494.

<sup>13</sup> Pais, *Culturas Juvenis*, 33.

<sup>14</sup> Cf. Sousa, «Critérios para uma definição da juventude», 496.

Desde o princípio, a nossa ideia foi sendo orientada a partir da convicção de que o conceito de juventude é um constructo social. Todavia, como definir juventude se reveste de um carácter problematizador, porque nas ciências sociais não existe um objeto teórico exato em que a sociologia, neste caso concreto, se apoie para denominar a juventude,<sup>15</sup> Manuel Abrunhosa e Sousa identifica uma primeira linha de compreensão: a dos que afirmam que a juventude é um produto social que emerge de condicionantes históricas da nossa sociedade, sublinhando que a juventude, em si, não existe a não ser enquanto é identificada e reconhecida pelos diferentes agentes sociais. Encontram-se aqui os que defendem que a juventude não é definível por si mesma, porque não existe por si, mas é criada, dentro de uma estratégia social, pelos adultos.

Mas há uma via inversa:

A segunda tese corresponde, precisamente, ao inverso da primeira: a juventude, antes de mais, é uma categoria de pessoas que têm características derivadas da sua idade biológica. É um grupo social que tem uma função e posição específica donde resultam necessidades e aspirações próprias. Neste contexto, os jovens partilham da existência de um vínculo próprio, que os une ao ponto de reclamarem da sociedade a atenção para o sentido autónomo, porque próprio, da sua vinculação social.<sup>16</sup>

A inexistência de uma teoria sociológica sobre a juventude supõe *a posteriori* a ausência de uma definição adquirida de juventude. Nesta problemática juvenil, Manuel Abrunhosa e Sousa alude a estas dificuldades a partir da própria evidência da instabilidade da condição juvenil:

A existência dos jovens não é estática: É uma trajetória imprevisível, traçada pelos acontecimentos e pelos próprios jovens, faz com que eles próprios constantemente se tornem diferentes de si próprios, mesmo enquanto cada um continua a ser ele mesmo. O seu ser é uma

---

<sup>15</sup> Cf. Roberto Brito Lemus, «Hacia una sociología de la juventud: Algunos elementos para la deconstrucción de un nuevo paradigma de la juventud», *Última Década*, nº 9 (1998): 1–7.

<sup>16</sup> Sousa, «Critérios para uma definição da juventude», 494.

força viva em marcha. O jovem não surge no ser senão para acrescentar ser ao que ele é. O jovem é um ser em devir.<sup>17</sup>

Para concluir esta problemática do conceito da juventude, socialmente falando, é necessário visualizá-la dentro duma complexa rede de relações que são estabelecidas no seio de uma sociedade concreta. De facto, os jovens existem. Encontram-nos com eles nas ruas, nas escolas, por todo os lados. O que não existe no plano da ciência social e mais especificamente de uma sociologia da juventude é uma construção teórico que se possa adequar aos jovens.<sup>18</sup> Apoiamo-nos na tese de Lemus. Ele afirma:

A juventude é um produto social, que devemos distinguir do seu condicionante biológico, se estabelecermos uma rutura daquelas conceções que marcam uma relação de causa-efeito entre as mudanças fisiológicas da puberdade e um comportamento social juvenil [...]. A juventude é uma categoria que agrupa os indivíduos que mantêm um *status* de dependência, que quase sempre provém da consignação a uma pessoa superior: os filhos aos pais na família, os alunos aos mestres na escola e, em geral, os jovens ao Estado na sociedade.<sup>19</sup>

Ficamos a saber que o termo juventude sofreu grandes alterações e não conseguimos compreendê-lo fora de um contexto social. Já não é uma dada faixa etária que determina estritamente o conceito de juventude, mas sim as suas ocupações ou o seu estatuto na sociedade. Sendo a própria sociedade que cria este conceito de juventude, não se afigura como possível definir juventude fora do quadro das relações sociais que estabelecem entre eles, bem como das suas ocupações.

Podemos então ir verificando o dinamismo na conceptualização de juventude, bem como as respetivas implicações. A título de exemplo, como refere Manuel Abrunhosa e Sousa:

Um Presidente da República, um catedrático, etc, com 45 anos é “novo”, um jogador de futebol com 30 anos é “velho”. Um indivíduo com 29 anos ainda é tido entre eles como

---

<sup>17</sup> Sousa, «Critérios para uma definição da juventude», 495.

<sup>18</sup> Cf. Lemus, «Hacia una sociologia de la juventud», 1.

<sup>19</sup> Lemus, «Hacia una sociologia de la juventude», 3 - 4. Esta tradução é do próprio autor da dissertação.

jovem, mas já tem uma certa idade para os membros duma comunidade dita “primitiva”. Nuns países a juventude “acaba” aos 24 anos, noutros aos 30 anos.<sup>20</sup>

Ao acompanharmos as trajetórias dos jovens e os seus percursos, somos necessariamente levados a considerar a juventude na sua diversidade. A juventude, tal como nos é apresentada hoje, é um fenómeno social e cultural relativamente “novo”. O agrupamento desses jovens faz com que se abra o caminho para a necessidade de um novo estudo acerca dos grupos juvenis e das formas como se agrupam.

## **2. As culturas juvenis**

Após a primeira guerra mundial houve profundas transformações sociais, económicas, técnicas e culturais no plano mundial, que caracterizam o que podemos designar de contemporaneidade. Ao analisar diversas transformações no mundo contemporâneo, verifica-se que os jovens se revelam como protagonistas destas mudanças. Para compreender estas transformações é necessário desenvolver estratégias de observação dos comportamentos dos jovens, bem como da sua forma de intervir no meio social. A partir da sua forma de pensar, influenciam o meio em ordem à construção de uma nova sociedade e de novos sujeitos. Os jovens fazem as suas escolhas que, frequentemente, decorrem do contacto com as diferentes ideologias, sendo, às vezes, igualmente influenciadas pelos *media* e pelos seus apelos de consumo.

Estes novos sujeitos produzem um conjunto de características próprias e demonstram que não atuam apenas como recetores passivos dos produtos dos mercados, mas poderiam articular significados e usos subversivos dos produtos padronizados, cruzando as suas próprias mensagens e estilos a partir do que lhes é oferecido. A indústria estuda o mercado e oferece à sociedade, sobretudo aos jovens, produtos específicos para as suas necessidades tais como: cinema, teatro, arte, vestuário e seus acessórios, músicas, redes sociais, computadores,

---

<sup>20</sup> Sousa, «Critérios para uma definição da juventude», 496.

telemóveis, etc. Cria-se uma cultura de consumo, utilizando aquilo de que os jovens gostam, uma cultura juvenil que passa a ser aquilo que interessa ao mercado. Alguns sociólogos, perante este cenário, propõem a adoção do termo/conceito “culturas juvenis”, em alternativa ao conceito de ‘juventude’ em si, que é um conceito que se constrói muito a partir da ótica de determinados grupos e certos problemas sociais.<sup>21</sup>

Como se sublinhará com mais detalhe, João Paulo II nas suas reflexões, mostra uma certa preocupação relativamente às culturas juvenis. Nas suas mensagens, podemos ver que é notória a sua preocupação com os jovens e a sua cultura. Na sua reflexão, muitas vezes tomou como exemplo a parábola do filho pródigo: a meu ver, certamente ele andava preocupado com a questão social, exclusivamente com a liberdade sem a responsabilidade, e foi surpreendido pela cultura de consumismo. São estas as atitudes que também muitos jovens adotam. Ao mesmo tempo, João Paulo II enfoca a cultura da misericórdia, que marca profundamente o arrependimento do filho e o acolhimento incondicional do pai.

As culturas juvenis ou as práticas culturais aparecem geralmente referenciadas a um conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinam a chamada condição juvenil. Certo é que esses elementos tanto podem ser inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de juventude, como podem também ser derivados ou aprendidos deles. Podemos observar este cenário de culturas juvenis em dois contextos antagónicos: por um lado, pode ser visto negativamente perante os modos pelos quais os jovens se apresentam na sociedade, causando distúrbios; por outro lado, pode ser encarado como grupo referencial, com boas práticas comportamentais, aceitáveis na sociedade.<sup>22</sup>

Esta problemática das culturas juvenis pressupõe o impulso de se “lançar ao mar”. É, por assim dizer, uma consequência legítima do anseio e da ousadia de atravessar fronteiras. Com toda a instabilidade que os caracteriza, com a sua irreverência e como os sonhos de quem

---

<sup>21</sup> Cf. Sousa, «Critérios para uma definição da juventude», 494.

<sup>22</sup> Cf. Felipe Trotta, «Jovens contemporâneos: reflexões atuais», *Culturas juvenis no século XX*, (São Paulo, 2008), 185–92.

não se contenta com o mundo que somos, o mundo que os adultos conseguiram construir e que é tão pequeno, os jovens são já uma realidade importante e a ter em conta.

Os jovens, ao entrarem numa classe social, exigem um estatuto próprio, conquistam o auditório e ganham a audiência. Esses jovens podem ser de classe média ou operários, rurais ou urbanos, estudantes ou trabalhadores, casados ou solteiros. A partir daí, a juventude começou a ser considerada e analisada como suporte de uma cultura radicalizada, rebelde e conflituosa, desejosa de uma afirmação de autonomia em relação ao mundo dos adultos. Força-se assim a sociedade a uma integração de novas culturas numa sociedade pluralista onde há lugar para tudo. Também no quadro desta problemática, José Machado Pais explica:

De acordo com as teorias da *socialização contínua*, os fracionamentos culturais intrageracionais não expressam, de modo algum, flagrantes descontinuidades sociais. Pelo contrário, o que caracterizaria a atual geração jovem seria o poder, inédito até hoje, e negado a gerações anteriores: o poder de influir no mundo adulto, ao propor pautas e estilos de conduta que os mais velhos aceitariam, muitas vezes com avidez. A juventude converter-se-ia, pois, num *grupo de referência externa*, do qual se «copiariam» ou «institucionalizariam» determinados símbolos de *status juvenis*: agilidade, boa forma física, aparência juvenil, disposição festiva, etc.<sup>23</sup>

Neste âmbito, a sociologia contemporânea estuda os comportamentos desses jovens e isso é o que mais interessa para o seu objeto do estudo sociológico. Estuda, assim, as relações sociais, procurando resistir ao impacto que as rápidas mudanças sociais produzem na coesão social. Estas posturas e práticas juvenis prefiguram um padrão exemplar. Portanto, a cultura juvenil é construída por práticas sociais e ações sociais que surgem de um padrão determinado no meio social.

Ora José Machado Pais fala de uma desconstrução do conceito de juventude que tem uma representação social e acabará por se revelar como uma construção sociológica, isto é, científica, que desafia a lógica e o senso comum. Sendo assim, a representação social de

---

<sup>23</sup> Pais, *Culturas Juvenis*, 43.

juventude dará lugar a uma realidade socialmente construída. Assim, ‘cultura juvenil’ é uma categoria socialmente construída, formulada num contexto particular e circunstancial (económico, social e político).

A noção de cultura juvenil, como parte de uma sociedade, foi-se desenvolvendo à medida que a juventude passou a ser vista como categoria social e geracional específica, adquirida por esse grupo etário e seu estilo de vida. Este grupo surge como se fosse portador de alguns dos valores mais disseminados no mundo contemporâneo.

### **3. A juventude e os problemas sociais**

Nota-se na sociedade atual um conjunto de problemas sociais que desafia a humanidade e os principais protagonistas destes desafios é a camada juvenil. A juventude tem sido marcada por novas formas de se apresentar na sociedade: na família, na escola, na Igreja, na política, no espaço público, etc., isto é, como uma nova forma de sociabilidade. Uma sociabilidade a que Alfredo Teixeira chama performativa, narrativa, contínua e em rede.<sup>24</sup> Distingue-se de formas juvenis do passado, mais estereotipadas, privilegiando atividades coletivas do tipo “movimento juvenil”.<sup>25</sup>

Algumas décadas atrás, outros problemas ganhavam rosto na sociedade como o da revolta, da marginalidade ou da delinquência. À medida que o tempo vai avançando, a sociedade cria necessidades e “novos problemas”. Podemos considerar que a passagem dos tempos funciona, em alguma medida, como “fabricadora” de novas situações e desafios diversos, enfrentados pela juventude, ficando esta cada vez mais indefesa, movendo-se num ambiente de fragilidade. A passagem de um tempo para outro é acompanhada de novos problemas sociais.

---

<sup>24</sup> Cf. Alfredo Teixeira, «A adolescência e a juventude como culturas: Os quadros sociais da experiência crente», *Theologica*, 2ª Série, nº 47,1 (2012): 102.

<sup>25</sup> Cf. Teixeira, «A adolescência e a juventude como culturas», 102.

José Machado Pais elenca alguns problemas sociais que afetam gravemente a camada juvenil: droga, delinquência, desemprego; acrescento ainda a estes grupos a escassez de formação que possibilite um emprego digno aos jovens, a prostituição ou banalização do sexo, etc.<sup>26</sup>

Os problemas que, contemporaneamente, mais afetam a juventude, são correntemente derivados da dificuldade da entrada dos jovens no mundo do trabalho. As dificuldades de acesso a um emprego refletem-se nas dificuldades de acesso à habitação. Alguns jovens recém-casados vêm-se forçados a coabitar com os pais, o que pode também constituir-se como fonte de problemas, para já não falar dos que retardam a idade de casamento e continuam a viver com os pais, por dificuldades de obtenção de emprego e casa própria.

Deduzimos daqui que este conjunto de circunstâncias influencia negativamente os jovens, tanto no aspeto da sua independência em relação à família de origem, como à constituição de família própria, à autonomia pessoal e à responsabilidade social, dimensões que requerem meios de subsistência e possibilidades de tomar decisões relativas ao seu futuro. É necessário que haja formação adequada a esta fase de vida, que lhes permita encontrar respostas aos novos desafios que a sociedade oferece. Segundo Enrique Rojas:

É necessário educar os desejos, porque a boa educação não só serve para que a pessoa se mantenha à tona de água e a nadar contra corrente, para vir a ser pessoa, mas também para se preparar para enfrentar as mudanças que irão acontecendo. Há que saber descobrir, sob as aparências, aquilo que permanece e aquilo que muda [...].<sup>27</sup> Obcecados com a satisfação incontrolada do desejo, cada um dos membros do casal é, na realidade, um indivíduo isolado, dominado pelo seu próprio egoísmo e nada preocupado com o outro, a quem atribui valor apenas como objeto de prazer.<sup>28</sup>

Manuel Maria, fala de um individualismo egoísta que é um ideal da cultura do mundo industrializado, assente no indivíduo que se vale a si próprio em autossuficiência e autonomia.

---

<sup>26</sup> Cf. Pais, *Culturas Juvenis*, 21.

<sup>27</sup> Enrique Rojas, *As linguagens do desejo: Chaves para nos orientarmos no labirinto das paixões*. (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005), 38.

<sup>28</sup> Rojas, *As linguagens do desejo*, 143–44.

E ainda este individualismo egoísta exige o direito a ser livre e feliz a qualquer preço e sem olhar os meios.<sup>29</sup> Apostamos na formação porque ela leva à transformação do indivíduo em pessoa mediante a aquisição de conhecimentos, regras, valores e ideais, virtudes que a sociedade contemporânea tanto deseja. É claro que o mundo dos adultos quer ver os jovens bem apresentados na sociedade e com uma boa reputação.

Se os jovens não se esforçam por contornar esses problemas, correm o risco mesmo de serem apelidados de irresponsáveis ou desinteressados. Um adulto é responsável, diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional, conjugal, familiar e habitacional. A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos.<sup>30</sup>

Vivemos numa sociedade *light*, segundo Enrique Roja, em que o consumismo é feroz, para que a publicidade massiva e o bombardeamento de novidades cumpram cabalmente o seu papel. Tornou-se natural a ausência objetiva de critérios nas escolhas e na consciência do indivíduo. Atualmente, a sociedade carece de valores que possibilitem aos jovens ter uma referência para a sua vida, tais como responsabilidade, esforço, renúncia, lealdade, verdade, fidelidade, relação duradoura. Se a família não for bem estruturada e não viver esses valores não tem algo a transmitir aos seus filhos e os jovens ficam perdidos, inseguros, entregues a situações de fragilidade que os conduzem muitas vezes à perda do sentido da vida e, nesse contexto, dificilmente adquirem, na realidade, o estatuto de adulto.

Estes jovens do ponto de vista humano e espiritual não encontram razões para lutar, sofrer e viver. Aparentemente são bem formados, mas com escassa educação humana, entregues ao pragmatismo e a bastantes lugares comuns. São frios, não creem em quase nada, as suas opiniões mudam constantemente em função dos seus interesses e vivem afastados dos valores transcendentais.

---

<sup>29</sup> Cf. Manuel Maria Madureira da Silva, *Reflexos: Eu, o Espelho e a consciência*. (Évora: Gráfica Eborense, 2017), 85.

<sup>30</sup> Pais, *Culturas Juvenis*, 24.

#### 4. A juventude e a fé.

A espiritualidade juvenil é um fator de difícil compreensão, devido à profunda transformação da sociedade contemporânea. Num mundo com tantas mudanças, extremamente rápidas, que oferecem tantas possibilidades, os jovens não têm tempo a perder com algo que não lhes traga alegria imediata. Por isso, na juventude nota-se uma fraca espiritualidade por parte dos adultos. Há uma civilização do consumismo e do descartável, que não conduz os jovens ao sacrifício, ao trabalho honesto, à paciência e à oração. Esta situação de consumismo desenfreado não contribui para o amadurecimento da fé dos jovens. É necessária uma formação adequada aos jovens, como referimos anteriormente, para que eles possam ter uma fé esclarecida e sólida, que lhes permita acreditar nas propostas oferecidas pela Igreja.

Notamos que a sociedade contemporânea é uma sociedade que oferece tantas propostas para que todos os homens sintam felizes, mas esta felicidade é passageira e não passa de uma mera ilusão. Verdadeira felicidade só podemos encontrar em uma Pessoa concreta, Jesus Cristo, só através de uma relação com o transcendente que nos faça encontrar essa felicidade verdadeira.

Para muita gente, a felicidade reduz-se, hoje em dia, ao nível de vida, bem-estar, segurança e prazer. Mas a felicidade é sobretudo um ideal, uma utopia, a idade doirada de uma vida, e não tanto algo real e objetivo [...]. Desejamos o que não temos. Desejar é anelar algo que podemos conseguir com a vontade e que tem um certo carácter de imediato. Pelo contrário, a esperança é um estado de alma pelo qual confiamos que havemos de alcançar algo que não depende da nossa vontade.<sup>31</sup>

Do ponto de vista cristão, a fé é como a conversão da liberdade ao mandamento do amor, proposto por Jesus. Ter fé significa, com efeito, viver a própria liberdade sob a insígnia do primado do amor de Deus e do amor ao próximo. Acreditamos nas promessas feitas por Jesus, porque sem viver esta dimensão do futuro, a liberdade fica gravemente comprometida. Mas, se

---

<sup>31</sup> Rojas, *As linguagens do desejo*, 54–55.

o sujeito não conseguir apreender a profundidade do real, rende-se à ilusão do imediato. Há ocasiões em que, por estarmos a “gozar a vida”, quereríamos parar “o tempo” para saborear melhor os factos que estamos a viver. Nelas tudo se torna volátil, banal, permissivo o que gera no individuo um grande vazio moral.

É também nesse espírito que se fala da esperança, da expectativa do futuro. Os jovens devem ter em conta a dimensão do futuro que está à nossa frente e pede passagem com toda a veemência. Assim como Enrique Rojas diz, a vida é antecipação, provir, profecia, o que está para acontecer, a secreta aventura do que nos reserva a existência.<sup>32</sup> Por isso, não devem os jovens viver sem a dimensão da fé, exatamente por causa das rápidas transformações que ocorrem na cultura humana:

Resultam de duplo sentido subjacente à cultura humana, mutuamente implicativo: 1) o que se origina na interioridade humana, nas transformações do pensamento, do modo como o indivíduo se vê e conhece a si mesmo e ao mundo, que se orienta para fora de si à criação de novos modos de conhecimento, à produção e à transformação científico e tecnológica; 2) aquele outro movimento que nasce do impacto causado por tais alterações (técnico-científicas, pessoais, sociais, políticas, etc.) e repercute sobre a interioridade humana, a sua autocompreensão, os seus modo de pensar, agir, conferir sentido e significado ao vivido, e ao relacionar-se.<sup>33</sup>

Quando são propostos aos jovens as diretrizes para a dimensão da fé, eles respondem: “Eu tenho a minha fé ou vivo a minha fé”. Esta expressão, “ter a minha fé”, é típica da sociedade contemporânea. Devemos acolher esta ideia e dar-lhe um tratamento adequado de modo a entrar dentro do vocabulário da espiritualidade da Igreja, que é comunitária. Peter Stilwell, defensor de uma pedagogia própria, apresenta algumas referências práticas de uma espiritualidade jovem que devem ter em conta:

---

<sup>32</sup> Cf. Rojas, *As linguagens do desejo*, 60.

<sup>33</sup> Teresa Messias, «Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis», *Communio - Revista Internacional Católica*, nº 29 (2012/1): 113.

a) À formação da consciência – entendida como dinâmica, por natureza – , ponto fulcral de todo o crescimento interior.

b) À recusa de todas as seguranças que impeçam uma procura contínua da Verdade e do Bem, que estão sempre para lá da formação concreta de qualquer doutrina ou norma, por mais sagrada que sejam.

c) Aos imprescindíveis estímulos à curiosidade intelectual e espiritual, que deverão acompanhar de perto essa via negativa.

d) À prática duma liberdade responsável – aprender a não ter medo de errar; descobrir o gosto pela conversão (entendida não como «dar o braço a torcer», mas como descoberta de níveis sucessivamente mais profundos e círculos) [...].

e) À necessidade de forçar constantemente as fronteiras do diálogo entre a fé e a vida, quer ao nível da prática mais explicitamente religiosa, quer ao nível do trabalho, do lazer, da vida afetiva.<sup>34</sup>

Para ajudar um indivíduo, principalmente os jovens, a ultrapassar a crise da fé, temos de aprender a explicar a nossa fé, temos de dar testemunho dela. Em todos os momentos temos de saber falar de Deus, de Jesus, de modo claro e comunicativo. O crente não está habituado a dar a razão do coração da fé com palavras simples e breve. Impor uma espiritualidade aos jovens é uma perda de tempo. Há autores que defendem que a fé não é objeto de transmissão ou pelo menos não é objeto de transmissão humana. Objeto de transmissão, porventura, serão os conteúdos doutrinários em que se formula essa fé, os ritos em que se celebra, as formas de vida, os valores, os usos e costumes que a fé origina.<sup>35</sup> São eles quem procura um modo adequado à própria condição de vida. Peter Stilwell refere-se, assim, a esta realidade.

Iniciar alguém nos caminhos da espiritualidade cristã é introduzi-lo num processo de formação contínua; abrir-lhe caminho a um estilo de vida alternativo que, todo ele, fale de Jesus Cristo, da sua tranquilidade profunda no seio das tempestades, da sua harmonia interior e exterior, do seu jeito de amar as pessoas e as de libertar, devolvendo-lhes a dignidade, a responsabilidade e a possibilidade de serem diferentes sendo cada vez mais elas próprias. Um

---

<sup>34</sup> Peter Stilwell, «Juventude e espiritualidade. Associações, movimentos e obras laicais. Breve panorâmica», *Communio - Revista Internacional Católica*, nº 1 (1991): 69.

<sup>35</sup> Cf. Juan Martín Velasco, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005), 27.

estilo de vida no qual se manifeste a mais profunda convicção de que: «Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor» (Rm 8, 38-39).<sup>36</sup>

Perante este cenário, percebe-se que são eles mesmos a descobrirem a sua própria vocação, sem intermediário. O problema da transmissão está só em ajudar eficazmente o sujeito a eliminar os obstáculos que impedem esse Mistério de aflorar à consciência e que dificultam a sua vontade e a sua liberdade de aderir ao seu acolhimento pessoal. Não por terem ignorado a mediação, mas porque os intermediários não lhes dão garantia de uma felicidade real visto que não lhes falam com confiança nem certeza da sua fé. As famílias podiam desempenhar um papel fundamental na transmissão da vida religiosa e da fé aos seus filhos, mas elas estão em crise de valores religiosos. Na atualidade assistimos a um panorama muito plural no seio das famílias: sem dúvida, há famílias que apostam em evangelizar os seus filhos, ensinam as suas crianças a rezar, interessam-se por mandar à catequese de modo a ter uma educação religiosa e uma prática dominical; aá outras famílias em que supostamente não se cultiva a fé, não há uma rotina de assistência da missa semanal, não se importam com o ensinamento e formação religiosa dos filhos.<sup>37</sup> Juan Martín Velasco diz que esta crise da fé nas sociedades contemporânea é um facto observado à vista desarmada, sofrido e muito intensa e frequentemente lamentado pelos crentes, pelas comunidades cristãs e seus responsáveis.<sup>38</sup> Armando Matteo, faz uma observação dessa geração e diz que,

O ponto nevrálgico sobre o qual assenta toda esta questão diz respeito à elaboração falhada da distância efetivamente existente entre o jovem destinatário ideal das iniciativas eclesiais implementadas e o perfil real dos jovens de hoje, aqui sumariamente identificados como pertencentes à geração sem antena para Deus. Uma distância ofuscada, aliás, pelo uso

---

<sup>36</sup> Stilwell, «Juventude e espiritualidade», 63.

<sup>37</sup> Cf. Abel Toraño Fernández, «Jóvenes Y nueva evangelización: Escenario Y desafios», *SalTerrae*, Tomo 100/6, nº 1.168 (2012): 531.

<sup>38</sup> Cf. Velasco, *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*, 33.

identitário da religião por parte dos próprios jovens, na esteira do modelo da pertença sem crença, ou seja, de um singular «Igreja sim, Cristo não».<sup>39</sup>

Devido às grandes transformações, neste contexto em que os sinais da secularização deixaram profundas marcas, a Igreja é chamada a realizar uma Nova Evangelização, abrir-se a um futuro de esperança fiável e forte. É precisamente na conceção da verdade e da razão onde se sente, com maior força, a crise da modernidade. Neste aspeto, os jovens são radicalmente discordantes da posição da Igreja. Trata-se de um fenómeno de incompreensão total, em que a Igreja só impõe e culpabiliza e não ajuda a resolver as questões essenciais. Torna-se evidente: por parte dos adultos crentes é preciso tomar consciência de que, para os jovens, a fé é uma “língua estrangeira” como defende Armando Matteo.<sup>40</sup> Naturalmente, cada adulto sabe como é difícil aprender uma língua estrangeira e como é complicado ensiná-la a quem já não é criança. Trata-se, então, de um verdadeiro desafio para a Igreja contemporânea. A fé não é apenas uma opção hereditária, mas sim uma decisão pessoal que tem de ser proposta, preparada e acompanhada.

Vivemos numa sociedade que é muito materialista, débil na sua abertura à transcendência. Estamos perante uma crise, não apenas económica e social, mas espiritual. Pensamos que a forma como a comunidade de Taizé propõe o despertar da fé se adequa certamente à contemporaneidade na liberdade de cada um: a fé que produz nos jovens uma transformação radical, na maneira de ver, de pensar, de sentir e de viver.<sup>41</sup>

Na grande massa juvenil de hoje há inquietação e insatisfação generalizada diante do materialismo, hedonismo e do egoísmo da sociedade atual, onde predomina a injustiça. A

---

<sup>39</sup> Matteo, *A primeira Geração Incrédula*, 59–60.

<sup>40</sup> Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula*, 11.

<sup>41</sup> A Comunidade foi fundada em 1940 pelo Irmão Roger, que permaneceu como seu Prior até à sua morte em 16 de agosto de 2005, e é dedicada à reconciliação. A comunidade ecuménica é constituída por mais de cem homens de várias nacionalidades, representando ramos Protestantes e Católicos da Cristandade. A vida na comunidade foca a oração e a meditação cristã. Jovens de todo o mundo visitam Taizé todas as semanas para se integrarem na vida da comunidade. A comunidade de Taizé tornou-se um importante destino de peregrinação cristã com milhares de pessoas que a visitam cada ano e grupos até seis mil pessoas por semana, especialmente durante o verão.

inquietação indica um desejo, uma sede de valores de fraternidades, de justiça e de paz que abriria ao religioso.<sup>42</sup>

Portanto, a situação requer das comunidades cristãs a tomada de consciência de existência de uma crise e da sua gravidade para o futuro do cristianismo. Esses desafios exigem da comunidade cristã a fazer um esforço de explicação e interpretação do facto que permite destacar uma evolução e transformação dos jovens no seu conjunto. Contamos com a comunidade, mas a iniciativa também nasce da abertura interior de cada jovem.

## **5. A identidade juvenil**

Os jovens anseiam por um estatuto especial, um espaço próprio que os identifique, isto é, algo que lhes tragam motivação. Este espaço próprio parte do acolhimento dos jovens por parte dos adultos, no sentido em que lhes permite uma sociabilização. Um processo através do qual o indivíduo se integra num grupo, possibilitando o desenvolvimento da sua personalidade e a sua admissão na sociedade, um lugar onde aprende e interioriza a linguagem, as regras básicas da sociedade, a moral e os modelos comportamentais.

Os jovens identificam-se com a comunidade de Taizé, porque toda a sua atividade está orientada para o acolhimento das pessoas. Este pequeno empreendimento comunitário tornou-se um centro de atração para jovens vindos de toda a Europa, e mesmo de mundo inteiro. Desde a época da sua fundação (1940), Taizé acolhe, sobretudo durante os meses de Verão, vários milhares de jovens que vêm armar a sua tenda na colina borgonhesa. Danièle Hervieu-Léger, no seu estudo, refere que nem todos os jovens confessam motivações religiosas explícitas para empreender esta Jornada. Os perfis podem ser diversos: jovens aventureiros que experimentam a experiência multicultural, etapa turística no caminho das férias ou, para outros, forma nova

---

<sup>42</sup> Adérito Gomes Barbosa, «Crise religiosa dos jovens ou o descrédito dos modelos tradicionais», *Eborensia*, nº 15/16 (1995): 27.

de participação numa Igreja metaconfessional para muitos.<sup>43</sup> O lugar adquiriu, em todo o caso, um carácter simbólico para um grande número de jovens, em particular na Europa de leste.

Taizé significa, dizem todos os que frequentam este lugar, simbolicamente carregado, a possibilidade de se reunir livremente, de se exprimir, de cantar, de discutir, de refletir e de rezar, se assim desejam. Taizé constitui de facto não apenas um importante traço de união entre diferentes juventudes europeias, mas também uma rede de contactos planetários e um fórum de encontros internacionais.<sup>44</sup>

Dispõe a comunidade de uma dupla face (espaço livre e enquadrado, simultaneamente) que contribui muito para a atração do lugar imediatamente, no espírito dos jovens. Portanto, esta realidade de Taizé é o oposto, relativamente às formas rotineiras da sociabilidade religiosa que encontramos, em especial nas paróquias, nas quais eles se sentem ao mesmo tempo constringidos e esquecidos.

Certamente os jovens sentem ali o desejo e a força que possuem em si mesmos e descobrem-se como sendo valiosos. Esta (re)descoberta torna-se imprescindível no projeto pessoal. A pessoa torna-se insubstituível, não há outra com o mesmo significado. Eles contam como fator essencial, fazendo parte do programa na sua vida. O que os jovens querem é um certo confronto, que se estabelece com milhares de jovens de cultura diferente. É o que permite perspetivar a sua própria vida e a sua experiência individual. Em Taizé, encontra-se uma pedagogia do universal a partir da individuação que se ajusta muito às expectativas dos jovens:

A diversidade singular das experiências individuais pode exprimir-se sem ser imediatamente confrontada com um dispositivo normativo do crer, nem mesmo com um discurso do sentido pré-constituído. Cada um pode revelar a sua própria diferença no movimento em que a experiência está fortemente presente. Permite atingir de maneira sensível a convicção de que se pertence à comunidade da humanidade.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Cf. Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido: A religião em movimento* (Lisboa: Gradiva, 2005), 101.

<sup>44</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 101.

<sup>45</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 103.

A comunidade tem uma característica própria, nunca dando a resposta elaborada, acabada, para que cada um possa livremente procurar dentro de si a sua própria resposta e matar a sua sede.<sup>46</sup> Permite, então, a experiência da liberdade de descobrir por si próprio e vencer a ansiedade dos que lá procuram a sua realização. Segundo São Paulo, “com o coração se acredita para obter a justiça e com a boca se professa a fé para alcançar a salvação” (Rom 10, 9-18).

A liberdade deixada à busca individual é continuamente avançada. Em Taizé não vos dão a resposta antes de terem posto a questão e, sobretudo, deve ser cada um a procurar a sua resposta». «Há pessoas muito diferentes, crentes e não crentes. Às vezes parece que estão todas à procura de qualquer coisa, mas elas próprias não sabem muito bem o quê [...]. É assim, em todo o caso, que os jovens que vêm a Taizé o exprimem espontaneamente, cada um aqui sente-se um pouco como em sua casa, ninguém é rejeitado.<sup>47</sup>

É uma formação em rede, que não implica nenhuma adesão formal e que permite a participação de grande número de jovens. Este ajuntamento contemporâneo é típico dos comportamentos dos jovens desde o início do século XX, uma forma de socialização religiosa que consideramos dever ser o mais ajustável possível à religiosidade do indivíduo.

---

<sup>46</sup> Partimos de princípio que dentro de cada homem existe uma sede da verdade. Uma pergunta que nunca é saciada a não ser por descoberta pessoal que nasce da liberdade individual.

<sup>47</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 103–4.

## CAPÍTULO II.

### As Jornadas Mundiais da Juventude

#### 1. Instituição das Jornadas Mundiais da Juventude

No segundo capítulo, depois de nos debruçarmos sobre as culturas juvenis e os problemas sociais que caracterizam este universo contemporâneo, situaremos o evento «Jornada Mundial da Juventude» e as homilias, mensagens e discursos proferidos pelo Papa João Paulo II, destinados, de forma inequívoca, à juventude. Não se trata de analisar toda a teologia nela contida, mas antes colocar em destaque os pressupostos nos quais se funda a mensagem do Pontífice aos jovens, que possam contribuir para a construção de um modelo pastoral, à luz das Jornadas Mundiais da Juventude.

##### 1.1. *Génese: a marca de um pontificado*

A Jornada Mundial da Juventude é o evento mais internacional e multitudinário organizada atualmente pela Igreja Católica. Este evento nasceu em consequência dos encontros celebrados em Roma, por ocasião do Jubileu dos Jovens em 1984, e da celebração do Dia Internacional da Juventude, no Domingo de Ramos, em 1985. Tendo em conta a grande afluência registada, João Paulo II instituiu a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), a celebrar regularmente, e a Jornada Diocesana da Juventude (JDJ), celebrada no Domingo de Ramos.<sup>48</sup>

O Papa tinha decretado que o ano de 1983-1984 seria um Ano Santo, para celebrar o milésimo noningentésimo quinquagésimo aniversário da Redenção, com o lema: *Aperite portas Redemptori*.<sup>49</sup> Talvez este contexto tenha feito com que em março de 1983, em Roma, o Centro Internacional dos Jovens San Lorenzo tenha manifestado interesse pela ideia de um encontro de jovens marcado para o Domingo de Ramos de 1984. A ideia foi aprovada pelo Papa, que

---

<sup>48</sup> Cf. *Jesus Cristo caminho-verdade-vida: João Paulo II aos jovens em Santiago de Compostela* (Lisboa: Secretariado nacional da educação cristã, 1989), 7.

<sup>49</sup> Tradução: «Abram as portas ao Redentor».

confiou o projeto a Mons. Paul-Josef Cordes, um bispo alemão mais jovem que ele conheceu antes de ser eleito Papa e que nomeou, entretanto, vice-presidente do Conselho para os Leigos, sendo então o jovem prelado especificamente encarregado da juventude. Animada pelo padre Gianni Danzi, do movimento Comunhão e Libertação, uma pequena equipa de dez pessoas mete mãos à obra. O ceticismo é geral, especialmente nos meios ligados à comunicação social. A ideia segue, contudo, o seu caminho e a equipa fortalece-se.<sup>50</sup>

O empreendimento tinha como objetivo a reunião de jovens de todo o mundo, durante uma semana, para lhes dar a conhecer a mensagem de Cristo e criar um ambiente de partilha e de reflexão sobre os temas fundamentais, propostos pelo Papa, da existência cristã.<sup>51</sup> No início das JMJ, o Papa disse que tinha no coração as palavras da Primeira Carta de João: «o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida [...] o que nós vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também vós estejais em comunhão connosco» (1Jo 1, 1-3). O Papa imaginava as JMJ como um momento forte de experiência de fé e de comunhão eclesial.<sup>52</sup>

A 14 de Abril de 1984, véspera de Domingo de Ramos, duzentos e cinquenta mil jovens convergem para a Praça de S. Pedro rumo a um encontro de oração, de partilha, de conversão e de alegria. O sucesso foi marcante e o Santo Padre dobra a aposta: tendo a ONU decretado que o ano de 1985 será o Ano Internacional da Juventude, João Paulo II convida para mais um outro encontro de jovens, a decorrer no dia 30 de março daquele ano. Uma semana mais tarde, na sua homilia da Páscoa, o Santo Padre mostra o seu desejo de celebrar, todos os anos, daí em diante, uma Jornada Mundial da Juventude. No dia 20 de dezembro seguinte, perante os cardeais, o Papa anuncia que as JMJ se realizarão de dois em dois anos a nível local, em todas

---

<sup>50</sup> Cf. Bernard Lecomte, *João Paulo II. A tão esperada biografia do último «gigante» da nossa época*, 4ª ed. (Porto: Ambar, 2005), 584.

<sup>51</sup> Cf. Cristina Larraondo Erice e Ana Larraondo Erice, *Geração JMJ-25 Anos da JMJ-25 histórias pessoais*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração (Braga: Editorial A.O., 2011), 13.

<sup>52</sup> Cf. Erofilho Lopes Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude» (Dissertação de mestrado, Belo Horizonte, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2006), 19.

as dioceses do mundo, e alternadamente, a nível internacional, numa reconhecida metrópole, na presença do Santo Padre. Assim, as JMJ são, de facto, lançadas e concretizadas. João Paulo II, no seu modesto discurso, diz que «ninguém inventou estas Jornadas: foram os próprios jovens que as criaram».<sup>53</sup> Depois de uma reflexão feita pelo Papa acerca de quase vinte anos das Jornadas, este afirma que elas foram verdadeiras escolas de crescimento na fé, de vida eclesial e de resposta vocacional.<sup>54</sup>

Quando se acompanha o Papa, desde 1985, data em que instituiu a JMJ, até 2005, podem deduzir-se algumas finalidades principais das JMJ. É seu propósito, de certa forma, levar os jovens a um momento forte de encontro com Cristo, para que possam proclamar com alegria crescente a audácia, a comum fé em Cristo, morto e ressuscitado, e tornar-se seus evangelizadores no mundo contemporâneo; aprofundar o sentido de comunhão eclesial e, por último, interrogarem-se sobre as aspirações mais íntimas, para poderem encontrar respostas às perguntas existenciais da juventude de todos os tempos. Para o Papa, foi um tempo privilegiado de peregrinação em que o Senhor terá podido esclarecê-los acerca da própria vocação.<sup>55</sup>

## 1.2. *As JMJ e o modelo de Taizé*

No Domingo de Ramos de 1985, o Papa publicou uma carta apostólica dirigida à juventude, intitulada *Dilecti amici*,<sup>56</sup> para marcar, à sua maneira, o Ano Internacional da Juventude anunciado pela ONU. Nesta carta, dirigida aos jovens, atribui uma especial importância ao período da juventude como um estágio-chave na vida de todo o ser humano. A Igreja deposita toda a esperança na juventude, porque esta é que se apresenta como o futuro da

---

<sup>53</sup> Cf. Lecomte, *João Paulo II*, 585.

<sup>54</sup> Cf. Para as Mensagens da Jornada Diocesana da Juventude, utilizaremos a sigla (MJDJ) com respetiva data do acontecimento. Em MJDJ, 2003, nº 5.

<sup>55</sup> Cf. MJDJ, 2003, nº 1.

<sup>56</sup> “Queridos Amigos” – este tema, da carta apostólica de João Paulo II, é como que a chave de todas ou quase todas as mensagens dirigidas aos jovens por ocasião das Jornadas

humanidade.<sup>57</sup> Os jovens veem aberto à sua frente um horizonte de futuro. Mas também não podemos apenas olhar os jovens como uma realidade que ainda não é, algo que apenas poderá a vir a ser. Porque os jovens são, já agora, uma realidade na Igreja e no mundo. Neste âmbito, o Papa, na carta referida acima, mostra que a responsabilidade hoje dos jovens é de construir já o futuro:

A esperança está em ti, porque tu pertences ao futuro e o futuro pertence a ti. De facto, a esperança está sempre ligada ao futuro, é a expectativa de "bens futuros" [...]. Neste sentido, para vocês, jovens, o futuro pertence a vocês, como já pertenceu às gerações de adultos e precisamente com eles se tornou corrente. [...] Quando dizemos que o futuro pertence a você, pensamos em categorias humanas transitórias, desde que o homem esteja sempre a caminho do futuro.<sup>58</sup>

É certo que as Jornadas Mundiais da Juventude não surgiram do ponto zero, havendo alguns antecedentes que poderemos, em alguma medida, identificar. Como destacámos anteriormente, certamente terão sido inspiradas pela experiência de Taizé e pelo desejo que os próprios jovens manifestaram ao Papa. Em certa medida, o fenómeno de Taizé pode ser visto como um exemplo inspirador. Trata-se de uma comunidade fundada em 1940 pelo Irmão Roger, que permaneceu como seu Prior até à sua morte em 16 de Agosto de 2005. É uma comunidade voltada para o acolhimento dos jovens, uma comunidade ecuménica constituída por mais de cem homens de várias nacionalidades, oriundos dos universos protestante e católico. Esta comunidade proporciona momentos de reflexão, meditação cristã, orações, música, conferências, etc. No fundo, o propósito destas atividades é criar uma paixão pela Igreja. Jovens de todo o mundo visitam Taizé, participando na sua dinâmica comunitária, e reúnem-se para os encontros anuais, que se promovem numa cidade, integrando-se na vida das comunidades locais. Este empreendimento tornou-se um importante destino de peregrinação cristã, com

---

<sup>57</sup> Cf. João Paulo II, «*Dilecti Amici*- Aos Jovens e Jovens do Mundo sobre a ocasião do Ano Internacional da Juventude.», 1985, n.1, [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_letters/1985/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_31031985\\_dilecti-amici.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1985/documents/hf_jp-ii_apl_31031985_dilecti-amici.html).

<sup>58</sup>MJDJ, 2003, nº 1.

milhares de pessoas que a visitam cada ano, especialmente durante o verão. Portanto, foi seguramente um modelo inspirador, onde os jovens experimentaram a vitalidade religiosa. Desde há muitos anos que este empreendimento antecipou e experimentou, do lado dos jovens, uma fórmula de sociabilidade religiosa que tende a tornar-se familiar. Hoje em dia, sob formas mais ou menos adaptadas, no seio de muitas igrejas cristãs, realizam-se estes encontros de jovens. Assim, como observa a socióloga Danièle Hervieu-Léger:

É impressionante observar a que ponto a fórmula das Jornadas Mundiais da Juventude se regrou (muito para além da tomada de empréstimo do repertório dos cânticos) a partir da prática de Taizé. Taizé contribuiu para a aclimação, em contexto católico, de uma forma de mobilização que a tradição protestante evangélica experimentou durante muito tempo: a do ajuntamento emocional no qual a dinâmica coletiva do entusiasmo, ativada pelos testemunhos dos participantes que receberam os «dons do Espírito», é colocada ao serviço da identificação do crente.<sup>59</sup>

Exercem uma certa atração que vai em busca do perdido, daquilo que deveria morar em cada um dos jovens e que, fosse pelo que fosse, eles perderam. Esta realidade permite-lhes uma base de relacionamento com os textos do Evangelho: talvez assim seja mais fácil para desenvolver a sua própria conversa com Cristo, uma conversa que é de importância fundamental e essencial para todo o ser humano. D. Hervieu-Léger, referindo-se às Jornadas de Paris, afirma que:

A função essencial dos grandes ajuntamentos que marcaram o compasso da semana parisiense das JMJ foi assegurar a re-agregação emocional desta dupla diversidade – a dos peregrinos e a do próprio catolicismo – em torno da pessoa do papa [...]. Neste dispositivo, a presença do papa foi essencial, não apenas porque «fixou» (no sentido fotográfico do termo) o entusiasmo coletivo, mas porque assegurou a «utopização» do ajuntamento constituindo-o em antecipação de uma Igreja co-extensiva a um mundo fraterno e de convívio, conforme às aspirações trazidas pelos jovens.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 112.

<sup>60</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 116–17.

A utopização, utilizando o conceito da autora, tem uma certa relação com a peregrinação que é, por seu turno, um dos componentes que faz parte das Jornadas, porque requer uma certa mobilidade da parte dos participantes. O próprio Papa se apresentou como o peregrino que faz caminhada com os jovens, porque certamente, ao olhar para eles, ele sente um espírito jovem no meio da juventude.

Realizou tanto mais eficazmente essa função de operador utópico do ajuntamento quanto se apresentou ele mesmo como um “Papa peregrino”, percorrendo o planeta em todos os sentidos para responder à sua missão de evangelização. Ele é simultaneamente aquele que se desloca ao encontro das multidões, aquele em direção ao qual elas convergem e aquele que reenvia os peregrinos, encarregados de uma missão, para o local de onde vieram.<sup>61</sup>

O Papa quer chegar a todos os jovens, especialmente àqueles que estão mais afastados do plano salvífico que Deus tem preparado para todos. Teve a ousadia de ir ao encontro dos jovens, sem medo e com esperança, proporcionou estes grandes encontros. Assim:

Esta dinâmica da agregação e da dispersão assegura uma territorialização simbólica da universalidade católica, muito diferente da territorialização estática que era a da civilização paroquial. A paróquia abrange formal e simbolicamente a totalidade do espaço, antecipando desse modo a acoplagem da Igreja e da sociedade. A utopia peregrina encena a presença transumante do catolicismo à escala planetária. A universalidade encontra-se assim simbolicamente associada ao movimento.<sup>62</sup>

Deste modo, as Jornadas Mundiais da Juventude, iniciadas sob a inspiração dos encontros de Taizé, têm proporcionado uma experiência de fé, de inculturação do Evangelho, de convivência fraterna, da missão do Papa e da importância e possibilidade de uma vivência ecuménica que ultrapassa os limites territoriais da paróquia. As Jornadas Mundiais da Juventude configuram-se como um meio extraordinário de evangelização do mundo juvenil, porque aparecem como uma resposta adequada às suas expectativas, sobretudo, graças à

---

<sup>61</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 117.

<sup>62</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 117.

pedagogia adotada. Pretende-se levar o maior número possível de jovens a uma experiência espiritual e eclesial, segundo uma proposta querigmática, sacramental e catequética da fé.

### *1.3. As dinâmicas das Jornadas Mundiais da Juventude.*

O evento da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) é realizado numa cidade escolhida pelo Papa. As Jornadas Diocesanas (JDJ) são celebradas e vividas localmente, no Domingo de Ramos, pelas dioceses. Esta Jornada é conhecida como preparação para a grande Jornada (JMJ), no decurso da qual os jovens se reúnem nas paróquias para refletirem a partir das mensagens propostas pelo Papa para o ano, como formação espiritual.

Para cada Jornada Mundial, o Papa escolherá um tema, retirado de uma passagem bíblica, que é a fonte de toda a inspiração cristã para o refletir com os jovens. Este evento mundial possui um hino baseado no tema, patronos, intercessores, tendo igualmente um logotipo. Durante a JMJ, acontecem eventos como catequeses, adorações, missas, vias-sacras, momentos de oração, palestras, partilhas e espetáculos, tudo em diversas línguas.

Existe, associado ao evento, uma Cruz.<sup>63</sup> A cruz é símbolo universal de um Amor que se faz dom total e gratuito, uma sublime cátedra de verdade e de Amor, no fundo um sinal do testemunho cristão.<sup>64</sup> O Papa entregou aos jovens esta cruz, para que os acompanhasse em todas as Jornadas, tendo assim sido designada de diversas formas: Cruz do Ano Santo, Cruz do Jubileu, Cruz da JMJ, Cruz Peregrina; muitos chamam-lhe ainda Cruz dos Jovens porque ela foi entregue pelo Papa João Paulo II aos jovens, para que a levassem por todo o mundo, a todos os lugares e em todo o tempo.

O mistério da Cruz gloriosa torna-se para eles o grande dom e, ao mesmo tempo, o sinal da maturidade da fé. Com a sua Cruz, símbolo universal do Amor, Cristo guia os jovens

---

<sup>63</sup> No Ano Santo da Redenção (1983-1984), João Paulo II mandou construir uma cruz e colocar próximo do altar principal na Basílica de São Pedro, uma cruz visível a todos. Uma grande cruz de madeira, de 3.8 metros, a que o Papa chama Cruz de Cristo. No final do Ano Santo, após o Papa ter encerrado a Porta Santa, confiou essa mesma cruz aos jovens de todo o mundo, representados pelos jovens de Centro Juvenil de São Lourenço em Roma.

<sup>64</sup> Cf. Em HJDJ, 1999, nº 2. Seguindo o mesmo método, utilizamos sempre a sigla (HJDJ) «Homilia para o dia da Jornada Diocesana da Juventude».

do mundo na grande «assembleia» do reino de Deus, que transforma os corações e as sociedades. Como não dar graças ao Senhor pelos Dias Mundiais da Juventude, iniciados em 1985 precisamente nesta Praça de S. Pedro e que, seguindo a «Cruz do Ano Santo», percorreram o mundo como uma longa peregrinação rumo ao novo milénio? Como não louvar a Deus, que revela aos jovens os segredos do seu Reino (cf. Mt 11, 25), por todos os frutos bons e pelo testemunho cristão que esta feliz iniciativa suscitou? O hodierno Dia Mundial da Juventude é o último antes do grande encontro jubilar, o último deste século e deste milénio: por conseguinte, assume um relevo particular. Oxalá ele constitua, graças ao contributo de todos, uma forte experiência de fé e de comunhão eclesial.<sup>65</sup>

Tradicionalmente, os jovens levam para o evento bandeiras de seus países (ou, em muitos casos, dos seus Estados ou regiões, etc.) para mostrar sua presença nos eventos e facilitar a identificação dos grupos. Levam também bandeiras ou outras declarações nacionais de grupos, movimentos ou pastorais de que participam, proclamando as suas músicas próprias e os seus lemas dentro da Igreja Católica.

Outra tradição no evento é a troca de bandeiras, camisolas, artigos religiosos (cruzes, ícones, terços, moedas e outras) e outros objetos, como forma de iniciar novas amizades e promover o acolhimento entre as culturas.

Durante o pontificado do Papa João Paulo II, aconteceram onze Jornadas Diocesanas da Juventude e oito Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ). No que se refere às JMJ, estes tiveram lugar em Buenos Aires, em 1987; Santiago de Compostela, em 1989; Czestokowa, em 1991; Denver, em 1993; Manila, em 1995; Paris, em 1997; Roma, no ano 2000; Toronto, em 2002. O Papa proferiu 11 mensagens em Domingo de Ramos e 8 Homilias nas JMJ, para os jovens de todo mundo. Em anexo encontra-se a tabela das jornadas pelo Papa João Paulo II, de modo a ter uma visão conjunta dos eventos.

---

<sup>65</sup> HJDJ, 1999, nº 3.

## 2. As mensagens do Papa João Paulo II aos jovens

A mensagem do Papa João Paulo II, a propósito da JMJ, tem por finalidade construir um programa diretivo de opção de vida. Em cada Jornada, o Papa deixa uma mensagem que possa servir a todos os jovens, um programa de vida que passa pela escolha individual. Ele mostra explicitamente esse objetivo fundamental da mensagem nos seus discursos. Por isso, realizou várias viagens apostólicas, não apenas diplomáticas, enquanto chefe de Estado, mas como uma oportunidade para evangelizar, anunciar, testemunhar e confirmar os jovens como irmãos na fé em Cristo. Embora ele apresente implicitamente várias temáticas (amor, humanidade, paz, justiça, solidariedade), a mensagem dos textos gira, principalmente, em torno de três pressupostos fundamentais: a cristologia, a eclesiologia e a mariologia. Com maior primazia, o pressuposto cristológico é o fulcro central das mensagens. Neste âmbito vamos ter presente como é que João Paulo II compreende os jovens hodiernos, qual a estratégia de comunicação que estabelece com eles, como é que lhes apresenta a Igreja ou qual é o papel dos jovens na Igreja, a necessidade de uma nova evangelização e, por último, a problemática do mundo contemporâneo que tem a ver com o futuro da humanidade.

### 2.1. *Os jovens segundo o Papa João Paulo II*

Nas mensagens de João Paulo II, o jovem é apresentado como aquele que possui um espírito novo e cultiva uma busca pelo bem, com a vontade de doação e desejo de alcançar uma meta. Portanto, um jovem autêntico prepara melhor o futuro cumprindo o mandato de Cristo. Eles nasceram num determinado momento histórico e trazem a marca do seu tempo. João Paulo II tem em vista a população situada, em termos gerais, na casa dos vinte aos trinta anos. São esses, em particular, que são convidados pelo Papa para as celebrações das Jornadas Mundiais.<sup>66</sup> O Papa menciona a idade de jovens numa das suas homilias, mas não discutiremos a questão

---

<sup>66</sup> Cf. MJDJ, 2003, nº 3.

de cronologia, porque nem sempre existe um consenso no que se refere ao momento inicial e final da juventude, como se referiu anteriormente.<sup>67</sup>

Na ótica do Papa, a juventude é a saída dos anos da infância, a fase em que cada jovem necessita de se encontrar a si mesmo e tomar distância em relação à educação recebida e das pressões sociais.<sup>68</sup> Segundo o Papa, estes jovens têm a necessidade de se sentirem reconhecidos e amados, sobretudo quando começam a agir autonomamente na realidade.<sup>69</sup>

Os jovens vivem numa sociedade que, em alguns contextos, cultiva a dúvida, o medo e o cinismo. Por isso, em certos casos, eles tendem a agrupar-se em categorias primárias, com dificuldades para amadurecer. Muitos jovens têm dificuldade em adequar o que sentem e imaginam aos factos e à realidade externa.<sup>70</sup>

Essa descrição dos jovens sublinha a situação de estranheza a respeito de si mesmos. O jovem hodierno, pode estar distante de si mesmo, porque o sentimento suplanta a razão, no conhecimento da realidade.

Para o Papa, os jovens são o futuro da humanidade. Propondo-lhes grandes temas em vista da preparação para o grande jubileu do ano 2000, apresenta-lhes uma mensagem de esperança, na qual a Igreja atribui à juventude uma particular importância, uma vez que nessa idade da vida residem a confiança e a esperança da Igreja e da sociedade.<sup>71</sup>

O Papa quer chegar à maioria dos jovens para transmitir a mensagem do Evangelho; por isso, o primeiro encontro internacional escolheu Buenos Aires, uma terra habitada por uma ampla população juvenil, um continente de esperança. Pretende convocar todos os jovens do Norte e do Sul, do Oriente e do Ocidente, homens e mulheres do século XX e XXI que a Igreja

---

<sup>67</sup> Cf. HJMJ, 2002, nº 5.

<sup>68</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 65.

<sup>69</sup> Cf. MJMJ, 1986, nº 2.

<sup>70</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 65.

<sup>71</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 30.

reconhece, congratulando-se pela esperança.<sup>72</sup> Na visão do Papa, a presença dos jovens constitui-se como riqueza grandiosa e fonte de vitalidade para toda a comunidade cristã, que com eles é chamada a dar razão e a testemunhar a fé no mundo hodierno.<sup>73</sup> Os jovens devem escutar e seguir a voz de Jesus, de modo a formarem bem as próprias consciências, para serem luz do mundo, para evangelizarem e serem corajosos como bons missionários. Portanto, Cristo convida-os para a vida em abundância (Jo 10,10), aquela vida que Ele nos conquistou na Sua morte e ressurreição. E essa abundância de vida, certamente, interessa a todos os seres humanos.

## 2.2. *Uma nova evangelização*

No início do III milênio, o Papa dirige-se aos jovens e lança uma nova palavra de ordem: *Duc in altum* (Lc 5, 4). E relembra que estas mesmas palavras também Jesus as dirigiu a Simão Pedro no Lago de Tiberíades.<sup>74</sup> Para o Papa, estas palavras têm um grande valor para a Igreja no início do III milênio. Trata-se de uma exortação a que se deixem empolgar pelo mistério do Filho do Homem que morreu e ressuscitou. O mistério pascal é um mistério salvífico e criativo. Somente a partir da perspectiva cristã, a pessoa humana pode ser cabalmente compreendida, na sua vocação.<sup>75</sup>

Esta nova evangelização tem como ponto de partida a certeza de que, em Cristo, há uma riqueza insondável que cultura nenhuma consegue esgotar, em época alguma, disponível para todos.<sup>76</sup> Essa riqueza é o próprio Cristo, na sua pessoa e na salvação que oferece. Esta nova evangelização significa propor Cristo de novo, como realização cabal da esperança humana, pela graça divina.<sup>77</sup>

---

<sup>72</sup> Cf. MJDJ, 1987, n° 1.

<sup>73</sup> Cf. MJDJ, 1990, n° 3.

<sup>74</sup> Cf. Lecomte, *João Paulo II*, 588.

<sup>75</sup> Cf. DJMJ, Buenos Aires, 1987, n° 9.

<sup>76</sup> Cf. João Paulo II, *As reflexões para o Ano 2000*, Coleção Vida e Cultura (Lisboa: Livros do Brasil, 1994), 175.

<sup>77</sup> Cf. Manuel Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização* (Prior Velho: Paulinas, 2013), 28.

O Papa encoraja os jovens a serem instigadores de uma sociedade que enfrenta a injustiça social e acredita na resposta de um testemunho credível, sobretudo da parte dos jovens que são protagonistas da nova humanidade. Ele não se cansa de repetir as mesmas palavras com que iniciou o seu pontificado, de que os jovens são a sua esperança e a esperança da Igreja.<sup>78</sup> João Paulo II sempre teve presente desde o início do seu pontificado o projeto de uma “nova evangelização”, como se se tratasse de um segundo anúncio, embora, de facto, seja sempre o mesmo. Esta nova evangelização consiste em anunciar e aceitar o evangelho em novas condições históricas humanas.<sup>79</sup> Uma nova evangelização, nova no seu ardor, nos seus métodos e na sua expressão. É necessário dar resposta aos novos desafios que a sociedade impõe e os verdadeiros protagonistas são os jovens. Só os jovens podem ser evangelizadores dos próprios jovens, porque possuem a mesma linguagem e uma linguagem adequada que poderá chegar a todos os jovens.

Não é por acaso que a primeira Jornada fora de Roma se realizou-se em terra latino-americana, uma terra principalmente povoada por jovens. Provavelmente, o projeto de uma nova evangelização tem de partir das experiências eclesiais de regiões como a América Latina, onde se pode encontrar um potencial da santidade, um grande impulso missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico pela dignificação do homem, para gerar um grande futuro de esperança.<sup>80</sup>

O mundo espera um testemunho de amor, um testemunho que nasça de uma profunda convicção pessoal e de um ato sincero de fé no Cristo Ressuscitado. Essa esperança é particularmente relevante para os jovens.<sup>81</sup> A nova evangelização não nasce do desejo de agradar a todos ou de procurar o seu favor, mas da responsabilidade pelo dom que Deus nos fez

---

<sup>78</sup> Cf. DJMJ, Buenos Aires, 1987, nº 10.

<sup>79</sup> Cf. Casiano Floristan, *Para compreender: A evangelização* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997), 57.

<sup>80</sup> Cf. Floristan, *Para compreender: A evangelização*, 57.

<sup>81</sup> Cf. João Paulo II, «*Dilecti Amici* - Aos jovens e jovens do mundo sobre a ocasião do Ano Internacional da Juventude», 1.

em Cristo, pelo qual temos acesso à verdade sobre Deus e sobre a humanidade, assim como a possibilidade da vida verdadeira.<sup>82</sup>

Na mensagem pastoral da VII Jornada, o Papa apontou para uma espiritualidade claramente missionária: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho” (Mc 16, 15).<sup>83</sup> Os jovens devem escutar e seguir a voz de Jesus, de modo a formarem a própria consciência, para serem luz do mundo, para evangelizarem e serem corajosos como bons missionários. No limiar do terceiro Milênio, é necessária uma nova abordagem consciente e enraizada nos valores fundamentais da vida que são indispensáveis para a convivência humana, valores tais como: Verdade, Liberdade e Justiça.<sup>84</sup> Só com base neles se construirá uma sociedade digna da pessoa humana, arraigada com solidez na verdade, articulada segundo as exigências da justiça e animada por amor. Entretanto, os dias de hoje aumentam-nos a convicção de que o tempo pede outra vez uma nova evangelização, que corresponda no ardor, nos métodos e nas expressões.<sup>85</sup>

O Papa mostra-se confiante nos jovens, que partirão, de novo, pelas estradas da vida para serem os operários da nova evangelização. Portanto, aos jovens compete-lhes principalmente a tarefa de transportar o Evangelho para o novo milênio, modulando a existência quotidiana segundo os seus valores.<sup>86</sup> Portanto, João Paulo II trouxe para Roma e para o mundo católico uma nova militância, afirmativa e irradiante, muito além das fronteiras do Vaticano.<sup>87</sup>

### 2.3. *A linguagem da empatia.*

Entre o Papa e os jovens há fascínio mútuo. Há uma troca fascinante e comovente de olhares marcados pelo amor evangélico. Podemos verificar que, em todas as suas mensagens, João Paulo II tem uma forma cativante de se dirigir aos jovens: queridos amigos; caros jovens;

---

<sup>82</sup> Cf. João Paulo II, *As reflexões para o Ano 2000*, 175.

<sup>83</sup> Cf. MJMJ, 1991, nº 1.

<sup>84</sup> Cf. Conselho Pontifício -Justiça e Paz, «Compêndio da Doutrina Social da Igreja» (Principia Editora, 2005), 137–40.

<sup>85</sup> Cf. Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização*, 23.

<sup>86</sup> Cf. “Discurso aos responsáveis pela pastoral juvenil”, 2000, nº 3.

<sup>87</sup> Cf. Clemente, *O tempo pede uma Nova Evangelização*, 27.

jovens muito queridos; prezados jovens amigos; caríssimos jovens. Uma linguagem familiar que convida os jovens a não rejeitarem o convite, solicitando uma resposta tão intensa quanto o convite. No domínio da liderança religiosa, João Paulo II tem uma autoridade moral universal, singular quando comparada a outras figuras espirituais.<sup>88</sup> Quando os jovens percebem as suas palavras autênticas, que correspondem aos seus anseios de verdade e bondade, sentem-se respeitados e valorizados. Nessa relação, há uma afinidade, uma vez que o Papa representa a juventude de Cristo e da Igreja, e os jovens são expressão da juventude da vida e da humanidade, numa correlação dialógica, espontânea e ativa.<sup>89</sup>

O Papa, que representa a juventude de Cristo e da Igreja, está sempre feliz em encontrar aqueles que são a expressão da juventude da vida e da humanidade! Portanto, há uma afinidade de espírito entre nós; há quase uma necessidade de nos contarmos como verdadeiros amigos; há uma sensação de comunicar alegrias, esperanças e ideais; emerge o desejo vivo e espontânea do diálogo, que, pelo Papa, é dividido em ensino da verdade e do bem, na exortação e encorajamento, na benevolência e bênção; enquanto, por parte de vocês, crianças e jovens é expressa em aceitação de tais ensinamentos livres e dispostos de seu pai, é expressa na promessa de pôr em prática o que nos é dito, é incorporada no compromisso de ser testemunhas entre seus pares, da verdadeira alegria, que floresce em bom coração, puro, cheio de graça do Senhor.<sup>90</sup>

Os jovens que participam nas Jornadas sublinham este calor humano que caracteriza o encontro com o Papa. Eles sentem-se particularmente atraídos pela ternura e humanidade do Papa.<sup>91</sup> Para os jovens o Papa João Paulo II é testemunho de vida e de fé. Eles precisam também de encontrar modelos que correspondam aos seus ideais. Por isso, o Papa procura falar para cada um dos jovens, procurando deixar uma mensagem que responda os seus anseios mais profundos.<sup>92</sup>

---

<sup>88</sup> Cf. Tad Szulc, *João Paulo II: A vida de Karol Wojtyła*. (Brasil: Editorial Notícias, 1995), 471.

<sup>89</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 92.

<sup>90</sup> Discurso aos jovens presentes na Basílica do Vaticano. 20.12.1978.

<sup>91</sup> Cf. Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 115.

<sup>92</sup> Cf. MJDJ, 1988, nº 1

#### 2.4. *Uma Igreja para os jovens e com os jovens*

No começo de novo milênio, e após o Jubileu de 2000, florescem novos caminhos e aberturas. João Paulo II, que se preparara para o acontecimento, percorrendo “os lugares da salvação”, desde o monte Sinai até Jerusalém, afirmou que tinha chegado o momento de “fazer da Igreja a casa e escola de comunhão”.<sup>93</sup> Há quem pense poder separar Cristo da Igreja, de forma a poder dedicar toda a sua vida ao primeiro sem referência à segunda. Igreja é essencialmente um mistério de comunhão. Estar em comunhão implica uma profunda relação pessoal de conhecimento e de amor. João Paulo II, nas suas mensagens, apresenta, muitas vezes, a Igreja como meio de encontrar a felicidade. Por isso, cada um deve comprometer-se sempre a fazer o que Jesus diz nas Escrituras e o que ensina a Igreja. Esta relação, afirma o Papa, não é fácil, mas é essa a única maneira de construir uma vida feliz.<sup>94</sup>

Os jovens devem estar ativos na Igreja de modo a desempenhar a sua missão com maior felicidade, servindo o seu irmão. Por isso, o pontífice convida todos os jovens a descobrirem a própria missão no mundo. Na Jornada do ano 1990, propôs-se a temática da Igreja de Cristo: “Eu Sou a videira, e vós os ramos” (Jo 15, 5). Entre Cristo e a Igreja existe um laço orgânico muito profundo. Cristo vive na Igreja e esta é o mistério de Cristo que vive e age entre nós. O Papa sublinha recorrentemente que a Igreja é perenemente jovem pela graça de Espírito Santo.<sup>95</sup> Entre a Igreja e os jovens deve haver uma relação dialógica, como sublinhou o Papa na exortação pós-sinodal *Christifideles Laici*:

A Igreja tem muitas coisas a dizer aos jovens, e os jovens têm muitas coisas a dizer a Igreja. Esse recíproco diálogo, a atuar-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e a troca entre as gerações e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil.<sup>96</sup>

---

<sup>93</sup> Cf. Alceste Santini, *A herança espiritual de João Paulo II* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005), 21.

<sup>94</sup> Cf. MJDJ, 1988, nº 3.

<sup>95</sup> Cf. MJMJ, 1990, nº 1.

<sup>96</sup> João Paulo II. Carta Apostólica *Christifideles Laici*, São Paulo: Loyola, 1986, nº 46.

Deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, o diálogo que favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, sendo fonte de riqueza e juventude para a Igreja e para a sociedade.<sup>97</sup> Através das JMJ, a Igreja apresenta a sua face jovem, de esperança e de entusiasmo. O encontro em Santiago de Compostela, em 1989, foi um grande presente para a Igreja e para a sociedade.<sup>98</sup> Partindo desta realidade, o Papa exorta os jovens a descobrirem a Igreja de Cristo, como mistério de missão e comunhão. Por isso, deve existir diálogo ininterrupto entre a Igreja e os jovens. Para o Papa, as Jornadas são uma resposta pastoral que visa propor uma experiência de relação dialógica em que os jovens descobrem a Igreja e a sua missão. A Igreja precisa de muitos operários e, através das Jornadas, Cristo convida os jovens a irem em missão. São precisos jovens a evangelizar, com o seu dinamismo, autenticidade e vontade de crescer na fé. O Papa exorta os jovens para que se coloquem ao serviço da Igreja, assumindo o seu lugar na Igreja, enquanto protagonistas ativos da missão.<sup>99</sup>

A Igreja tem um fim salutar e escatológico que não pode ser atingido plenamente senão na vida futura. Os jovens são, obviamente, o futuro. O futuro da humanidade e o futuro da Igreja. A Igreja, composta de membros da sociedade terrestre, chamados a formarem já na história do género humano a família dos filhos de Deus, deve crescer até à vinda do Senhor.

É a partir desta Igreja que fomos criados para a vida sobrenatural pelo batismo, que nos incorporou no Cristo. Devemos, pois, amá-la como nossa mãe, porque não pode ter Deus por pai aquele que não tem Igreja por mãe.<sup>100</sup>

---

<sup>97</sup> Cf. João Paulo II, «*Chritifideles Laici*», 46.

<sup>98</sup> Cf. MJDJ, 1990, nº 1.

<sup>99</sup> Cf. MJDJ, 1991, nº 3.

<sup>100</sup> Cf. João Paulo II, *As reflexões para o Ano 2000*, 36.

## 2.5. *A construção de uma nova civilização*

Este mundo não está perdido, mas anda simplesmente sem rumo. Porque, quando o ser humano olha à sua volta, é tentado por tantas solicitações, que não sabe como orientar-se.<sup>101</sup> Faltam critérios contemporâneos orientadores, para que não seja tudo nivelado e banal, medido pelo gosto do momento. João Paulo II, abordou muitas vezes o tema do futuro deste mundo e o futuro da humanidade, com a preocupação de fazer o caminho com os jovens que são protagonistas deste novo milênio.<sup>102</sup>

O mundo atravessa uma das mais perigosas crises, segundo o Papa, o risco da perda do significado da vida. Os que mais enfrentam esta crise são os jovens, que procuram substitutos no consumismo desenfreado, na droga, no álcool e no erotismo. No entanto, eles buscam a felicidade, mas o resultado dessa busca é uma tristeza profunda, um vazio e, muitas vezes, caem em desespero.<sup>103</sup> O Papa convida os jovens a meditar na vida de Maria, porque ela mostra o verdadeiro significado da vida.<sup>104</sup> No ano de 1987, para a Jornada, o Papa escolheu um tema mariano, a partir do Evangelho de João: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Este era o programa de felicidade apresentado aos jovens.

Meditem sobre a vida de Maria. Meditem sobre isso, especialmente vocês, jovens! Para vocês, então, a Virgem imaculada é um modelo sublime de mulher consciente de sua própria dignidade e sua alta vocação. Meditem nisso também, jovens! Ouvindo as palavras que Maria proferiu em Caná na Galileia: “faça o que quer que Ele vos disser”, tentem construir a vossa vida, desde o início, sobre o fundamento sólido que é Jesus.<sup>105</sup>

Na Jornada realizada na Argentina, em 1984, num contexto histórico da injustiça social, em que as feridas dolorosas ainda não estavam eliminadas, João Paulo II denunciou o ódio, a violência que o povo experimentou e vive, sublinhando o imperativo da dignidade do ser humano. Formulou o desejo de que fosse superado o ódio que conduz à violência, no respeito

---

<sup>101</sup> Cf. Silva, *Reflexos: Eu, o Espelho e a consciência*, 11.

<sup>102</sup> Cf. MJDJ, 1987, nº 1.

<sup>103</sup> Cf. MJDJ, 1987, nº 3.

<sup>104</sup> Cf. MJDJ, 1987, nº 4.

<sup>105</sup> Cf. MJDJ, 1987, nº 4.

pela dignidade da pessoa humana. Além de descrever a situação dolorosa do povo argentino, agradeceu aos jovens argentinos a sua dedicação na preparação da Jornada Mundial. O Papa vê os jovens como colaboradores na construção de uma nova civilização.<sup>106</sup>

A vida é um bem precioso que devemos proteger e amar. É Deus quem nos dá a vida por amor. Em João ouvimos Jesus: “Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). O Papa escolheu este tema para a Jornada de Denver, procurando chamar a atenção para a singularidade do valor incalculável da vida abundante em Cristo. A vida é um valor grandiosíssimo, que deve ser respeitado e protegido, que o homem não quer perder sob nenhum pretexto, que constitui as suas aspirações, o seu desejo, a sua esperança.<sup>107</sup> Nenhuma há outra palavra como a vida, e é por este motivo que Jesus Cristo se humilhou a Si mesmo, fazendo-se obediente até a morte, tomando para si, de modo particular, os que estão no fundo da dor.<sup>108</sup>

Hoje, as pessoas sofrem, são escravizadas, exploradas. A própria vida é colocada em risco. Muito se tem falado do direito à vida, mas por vezes as sociedades fazem-se ignorantes quanto à proteção desses direitos. Um dos direitos da pessoa humano é o direito à liberdade. João Paulo II invocou o direito internacional como garantia das relações internacionais, destinado a promover a paz entre as nações, para superar a desordem e dar aos homens e às mulheres a possibilidade de viver em liberdade, justiça e segurança.<sup>109</sup> Os direitos fundamentais da pessoa humana são elementos chave de toda a convivência e ordem social. O Papa considera tais direitos como fundamento de toda a organização humana. Só com base neles se construirá um mundo digno da pessoa humana, arraigado com solidez na verdade, segundo as exigências da justiça e animado pelo amor.<sup>110</sup>

---

<sup>106</sup> Cf. DJMJ, 1987, nº 1.

<sup>107</sup> Cf. MJMJ, 1993, nº 2.

<sup>108</sup> Cf. MJMJ, 1993, nº 2.

<sup>109</sup> Cf. Mensagem para o dia mundial da paz, 2004, nº 6.

<sup>110</sup> Cf. MJMJ, 1997, nº 6.

O Papa pôs em destaque muitas vezes as dimensões práticas da paz nos seus textos, sublinhando aquilo que os jovens precisam de fazer para proteger e promover o dom divino da paz. Dizia o Papa: “Se queremos paz, temos de amar”. Este mandato já tinha sido dado por Jesus a um escriba: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, com toda a tua mente e com toda sua força. Amarás o próximo como a ti mesmo” (Mc 12, 30).<sup>111</sup>

Esta abertura ao acolhimento da proposta de Jesus, na compreensão, na paciência, na compaixão e no desejo de contribuir para promover o bem, expressa o amor fraterno em prol da paz. Construir a paz é uma exigência inadiável, neste tempo ameaçado pela violência, pelo terrorismo, pelo ódio e pela guerra em diversas regiões do mundo. O Papa destaca, assim, com recorrência, a necessidade de educar para paz.<sup>112</sup> Com esta mudança de direção e a denúncia dos males da sociedade sem temor, principalmente porque Deus não quer o mal, os ideais juvenis de justiça, solidariedade, amor e paz permanecerão ativos. Mas é necessário enfrentar os males da sociedade contemporânea com responsabilidade pessoal, dando a própria vida, assim como Jesus fez.

## 2.6. *Construir a paz diante dos desafios atuais*

Por ocasião da abertura do Ano Internacional da Juventude, proclamado pela Organização das Nações Unidas, em 1984, foi pedida aos jovens pelos bispos a participação de todos na construção da paz, a participação na vida social e no processo de desenvolvimento da humanidade de modo a que haja uma sociedade mais justa, harmoniosa e feliz.<sup>113</sup> A paz mostra-se em primeiro lugar como verdadeiro pacto nas relações entre os seres humanos. Sem ela não será possível a humanização. Portanto, não pode existir a paz enquanto “os poderosos” violam os direitos dos mais débeis e indefesos.

---

<sup>111</sup> Cf. DJMJ, 1986, nº 3.

<sup>112</sup> Cf. Discurso no primeiro dia da Universidade europeia, 2003, nº 1.

<sup>113</sup> Cf. «Documentos Pastorais» (Rei dos livros, 1991), 84.

O Papa diz que a emergência do indivíduo está na base daquilo a que chamamos o direito humanitário. Portanto, a ordem social tem por fulcro o homem, tomado na sua inalienável dignidade de criatura projetada à imagem de Deus.<sup>114</sup> A paz não é um êxtase, mas é um grande esforço de colaboração de toda a pessoa humana, com a plena consciência do sentido da responsabilidade entre os seres humanos principalmente os jovens hodiernos.<sup>115</sup> No mundo atual é necessário saber ver julgar e agir pela paz.

É verdade: o desafio da paz envolve-nos permanentemente. Vivemos uma época difícil, em que são muitas as ameaças da violência destruidora e da guerra. Profundos desacordos põem frente a frente, uns contra os outros, diferentes grupos sociais, povos e nações. Há muitas situações de injustiça, que não deflagram em conflitos abertos só porque a violência dos que detêm o poder é tão forte que priva os mais fracos até mesmo da energia e da oportunidade de reivindicar os seus direitos. Sim, nos dias de hoje há pessoas que são impedidas por regimes totalitários e sistemas ideológicos de exercer o seu fundamental direito de serem elas mesmas a decidir do próprio futuro. Há homens e mulheres que sofrem hoje inadmissíveis afrontas à sua dignidade humana por causa da discriminação racial, do exílio forçado e da tortura. Há quem seja vítima da fome e da doença. E há outros que são impedidos de praticar a sua fé religiosa e de desenvolver a sua própria cultura.<sup>116</sup>

O próprio Cristo disse: “Felizes os construtores de paz” (Mt 5, 9). O Papa reforça aliás essa ideia de que a paz e os jovens caminham juntos, desejando que os jovens de hoje e de amanhã reflitam sobre tais realidades para se tornarem construtores de paz.<sup>117</sup> Eles são gratos à liberdade, à família, aos estudos e projetos e querem viver, vencer, amar e ser amados, mudar a mentalidade circundante.<sup>118</sup> Daí a mensagem do Papa aos jovens, que é urgente mudar a direção tomando Cristo como caminho, rumo à justiça, solidariedade e um futuro dignos do homem.<sup>119</sup>

---

<sup>114</sup> Cf. João Paulo II, *As reflexões para o Ano 2000*, 200–201.

<sup>115</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 138.

<sup>116</sup> Mens. XVIII dia da Paz, 1985, nº 1.

<sup>117</sup> Cf. Mens. XVIII dia da Paz, 1985, nº 2.

<sup>118</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 139.

<sup>119</sup> Cf. MJMJ, 2000, nº 5.

Com esta mudança de direção e a denúncia dos males da sociedade sem temor, principalmente porque Deus não quer o mal, os ideais juvenis de justiça, solidariedade, amor e paz permanecerão ativos. É necessário enfrentar os males da sociedade contemporâneo com a responsabilidade pessoal dando a própria vida, assim como Jesus o fez. Nenhum de nós é capaz de prever o futuro. Mas sabemos que o mundo será aquilo que nós tivermos querido.<sup>120</sup>

### **3. Pressupostos teológicos fundamentais das mensagens.**

#### *3.1. Pressuposto antropológico: primazia da dignidade da pessoa humana*

A dignidade da pessoa humana é uma questão fundamental para o Papa João Paulo II. Em diversas ocasiões, ele mostra uma opção preferencial para as pessoas, sobretudo a mais frágil e indefesa. Em várias mensagens dirigidas aos jovens o Papa mostrou frequentemente a preferência pela pessoa, alegando que se trata de um dado fundamental do qual não podemos jamais prescindir.

Vós já sabeis bem que, da minha parte, é frequente esta chamada de atenção para a pessoa, porque se trata verdadeiramente de um dado fundamental de que nunca se poderá prescindir; e, ao dizer pessoa, não pretendo fazer um discurso de um humanismo autónomo e circunscrito à realidade desta terra. O homem – é bom recordá-lo – tem em si mesmo um valor imenso, mas não o tem por si mesmo porque o recebeu de Deus, por quem foi criado "à sua imagem e semelhança" (Gén 1, 26-27). E não existe, além desta, mais nenhuma adequada definição de homem! Este valor é como um "talento" e, segundo o ensino da conhecida parábola (Mt 25, 14-30), deve ser bem administrado, isto é, este valor de ser homem, de ser pessoa, deve ser administrado de modo que frutifique em abundância. É esta, ó jovens, a visão cristã do homem, a qual, partindo de Deus criador e pai, faz descobrir a pessoa naquilo que é e naquilo que deve ser.<sup>121</sup>

Nesta ótica, o Papa faz a articulação muito estreita, no discurso aos jovens universitários, entre a dignidade e os direitos invioláveis do ser humano, porque são

---

<sup>120</sup> Cf. João Paulo II, *As reflexões para o Ano 2000*, 202.

<sup>121</sup> DJMJ, 1980, n° 2.

fundamentalmente direitos de Deus.<sup>122</sup> A Igreja é contra todo e qualquer abuso que coloque em risco a pessoa humana, porque entende que é um pecado contra o criador, e promove o seu autêntico desenvolvimento, pois tem consciência de que o respeito a ela constitui o verdadeiro caminho para construir um mundo melhor.<sup>123</sup> A promoção da pessoa humana é a missão central da Igreja, diz o Papa. Por este motivo, a Igreja deve servir o Homem, se quiser servir a Deus.<sup>124</sup>

O reconhecimento da dignidade humana exige respeito, defesa e promoção. Trata-se de direitos naturais, universais e invioláveis, que emanam do próprio Deus. Tal compromisso afetivo da Igreja e dos jovens com os direitos do ser humano remete a duas afirmações do magistério eclesial do Papa, sobre a prioridade da dignidade da pessoa humana. Como já referimos acima, o homem é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão.<sup>125</sup> Sendo assim, a pessoa humana tem a primazia sobre todas as estruturas sociais existentes, que diz respeito a uma segunda afirmação do magistério eclesial.<sup>126</sup> O Papa, como chefe máximo da Igreja, denuncia, com coragem e fervor, as violências que os homens suportam todos os dias e luta pela justiça e dignidade das pessoas.<sup>127</sup> O principal recurso do homem é o próprio homem.<sup>128</sup>

Ele convida os jovens a testemunharem essa convicção na vida quotidiana, assumindo iniciativas de voluntariado e respondendo às necessidades materiais e à sede espiritual que as pessoas sentem de Deus.<sup>129</sup> Nesse sentido, o Papa afirma que o aspeto mais sublime da dignidade da pessoa humana é encontrar-se exatamente na sua vocação a comunicar com Deus. Este desejo de ver Deus reside no coração de cada homem e de cada mulher de todos os

---

<sup>122</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas Mundiais da Juventude», 119.

<sup>123</sup> Cf. João Paulo II, *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 5.<sup>a</sup> ed. (Braga: Secretariado Geral do Episcopado, 1980), 38–39.

<sup>124</sup> Cf. Discurso aos jovens universitários no 31.º Congresso Internacional UNIV-98, 1998, n.º 3.

<sup>125</sup> Cf. João Paulo II, *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 39.

<sup>126</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 121.

<sup>127</sup> Cf. MJMJ, 1987, n.º 1.

<sup>128</sup> Cf. João Paulo II, *As reflexões para o Ano 2000*, 58.

<sup>129</sup> Cf. MJMJ, 1988, n.º 2.

tempos.<sup>130</sup> A Igreja não pode abandonar o homem, cuja sorte, ou seja, a eleição, o chamamento, o nascimento e a morte, a salvação ou a perdição, estão tão estreita e indissolúvelmente unidos a Cristo.<sup>131</sup>

### 3.2. *Pressuposto cristológico: da encarnação do Verbo à missão da Igreja*

As mensagens das Jornadas foram marcadamente cristocêntricas, o que orientou ininterruptamente os jovens desde da primeira Jornada promovida pelo Papa João Paulo II até a última Jornada (1985 a 2005). Na primeira encíclica, “*Redemptor Hominis*”, o Papa mostrou explicitamente, após a sua eleição canónica, que Cristo Redentor orientará todo os seus sentimentos e pensamentos.<sup>132</sup> Como Bispo de Roma e Pontífice da Igreja Universal (1978), começou com a profissão de Pedro: “Tu és o Cristo, o filho do Deus” (Mt 16, 16), lançando um apelo que o acompanhou todo o seu pontificado.<sup>133</sup> A impecável exortação do Papa, dirigida aos jovens nas Jornadas, a abrirem a porta ao Redentor, assumiu Cristo como o único caminho para a verdadeira felicidade.<sup>134</sup> Ele mostrou explicitamente Cristo como o único fundamento sólido para a vida dos jovens. Disse aos jovens que, quando pensarem em construir qualquer coisa de verdade, grande e duradoura, devem construí-las, como disse S. Paulo, sobre o único fundamento que é Jesus Cristo (1Cor 3, 11).<sup>135</sup>

Em várias outras ocasiões, igualmente significativas, particularmente no contexto da Jornada, expressou o fulcro das suas mensagens aos jovens, mostrando Cristo como caminho, verdade e vida (Jo 14,6). Tais afirmações marcadamente cristocêntricas devem-se ao facto de

---

<sup>130</sup> Cf. MJMJ, 2004, nº 2.

<sup>131</sup> Cf. João Paulo II, *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 37.

<sup>132</sup> Cf. João Paulo II, *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 2.

<sup>133</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 126.

<sup>134</sup> Cf. MJMJ, 1999, nº 1.

<sup>135</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 127.

que o homem tem tendência a pensar a si mesmo, a colocar a sua própria pessoa no centro dos interesses e a pôr-se a si mesmo como parâmetro de tudo.

Negar-se a si mesmo significa renunciar ao próprio projeto, frequentemente limitado e mesquinho, para aceitar o desígnio de Deus: eis o caminho da conversão, indispensável para a existência cristã, que levou o Apóstolo Paulo a afirmar: "Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim!" (Gl 2, 20).<sup>136</sup>

Contudo, quem segue Cristo rejeita este isolamento em si mesmo e não avalia as coisas tendo como base a sua própria vantagem. Considera a vida vivida em termos de dom e gratuidade e não de conquista e de posse. Com efeito, a vida verdadeira expressa-se no dom de si, fruto da graça de Cristo: uma existência livre, em comunhão com Deus e com os irmãos.<sup>137</sup>

O Papa propôs na quarta Jornada Mundial da Juventude o tema: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6), tema este que a centrará em Jesus Cristo, que deve ser para todos os jovens uma descoberta nova, mais madura e profunda de Cristo na vida de cada um. Em meio de todas essas descobertas, não se pode perder uma coisa fundamental, a descoberta pessoal de Jesus Cristo afirma o Papa.<sup>138</sup> Assim como o centurião romano, ao ver Jesus morrer, compreendeu que Ele era o Filho de Deus (Mc 15, 39), igualmente ao vermos e contemplarmos Jesus crucificado, compreendemos que Deus revela n'Ele o amor pela humanidade. Só Cristo pode preencher, no fundo, o espaço do coração do homem, afirma o Papa.<sup>139</sup>

Descobrir Cristo, diz o Papa, é a aventura mais bonita de todas as nossas vidas. Mas não é suficiente descobri-lo apenas uma vez. Toda a vez que descobrimos isso, recebemos um chamamento para buscá-lo ainda mais e conhecê-lo melhor através da oração, da participação nos sacramentos, da meditação da Sua palavra, da catequese e da escuta dos ensinamentos da Igreja.<sup>140</sup> Esta comunhão é a fonte do vínculo espiritual que nos une na Igreja. Antes de subir

---

<sup>136</sup> MJMJ, 2001, nº 4.

<sup>137</sup> Cf. *Gaudium et Spes*, nº 24

<sup>138</sup> Cf. MJMJ, 1988, nº 1.

<sup>139</sup> Cf. MJMJ, 1988, nº 1.

<sup>140</sup> Cf. MJMJ, 1988, nº 1.

para o Pai, Jesus confiou à sua Igreja o mistério da reconciliação (Jo 20,23).<sup>141</sup> Reconciliamo-nos com Ele através da reconciliação com a comunidade eclesial. Na hora de passar deste mundo ao Pai, fez a oração que revela o ânimo do Filho: “Glorifica-Me Tu, ó Pai, junto a Ti, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse” (Jo 10, 16). O Papa oferece uma síntese qualificada dos mistérios de Cristo, convidando os jovens à contemplação de Jesus de Nazaré como Salvador e Redentor, o Deus da Vida. Adorai a Cristo, nosso Redentor, que vos resgata e liberta do pecado e da morte. Vale a pena confiar na promessa de Jesus Cristo, de que estará conosco todos os dias até ao fim do mundo (Mc 28,20).<sup>142</sup>

### 3.3. *Pressuposto mariológico: modelo que conduz os jovens a Cristo*

Na terceira mensagem, o Papa apresenta Maria como uma nova luz, como uma Mãe cujo coração transborda de amor e como uma Educadora que nos precede no caminho da fé, indicando o caminho da vida.<sup>143</sup> “Façam o que ele disser” (Jo 2, 5). Esta breve frase contém todo o programa de vida, que os primeiros discípulos do Senhor seguiram e é-nos transmitida e ensinada nos tempos atuais.<sup>144</sup> O Papa João Paulo II, andou nesta escola de Maria e consagrou todo o seu pontificado a Maria: *Totus tuus Maria*. Ele mesmo, no início do pontificado, perante a pergunta feita se aceitava ser Papa, respondeu que, em obediência de fé a Cristo e confiando na Mãe de Cristo e da Igreja, deu o seu sim, assim como a Maria.<sup>145</sup>

Oferece-se Maria aos jovens para ajudá-los a entrar numa relação mais profunda e verdadeira e pessoal com Jesus. Com a intercessão, Ela forma neles um coração de discípulos

---

<sup>141</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 129.

<sup>142</sup> Cf. MJMJ, 1998, nº 3.

<sup>143</sup> Cf. MJMJ, 1987, nº 1.

<sup>144</sup> Cf. MJMJ, 1987, nº 2.

<sup>145</sup> Cf. João Paulo II, *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 12.

capazes de os colocar à escuta do Filho, que revela o rosto autêntico do Pai e a verdadeira dignidade do ser humano.<sup>146</sup>

Meditem sobre a vida de Maria. Meditem nisso, especialmente vocês, jovens! Para vocês, então, a Virgem Imaculada é um modelo sublime de uma mulher consciente de sua própria dignidade e de sua alta vocação. Meditem também vocês, jovens! Ouvindo as palavras que Maria disse em Caná na Galileia: "Façam o que Ele vos disser", tentem construir a vossa vida, desde o início, no sólido fundamento que Jesus é. Espero que a vossa meditação sobre o mistério de Maria vos leve a imitá-la na vossa vida: aprendam com ela a ouvir e a pôr em prática a Palavra de Deus (Jo 2,5), aprendam com ela a permanecer perto do Senhor, embora possa custar-vos muito (Jo 19,25).<sup>147</sup>

Maria foi uma jovem que realizou em si mesma a adesão mais completa à vontade de Deus. Ela depositou total confiança em Deus. Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu (Lc 1, 45). Confiante na palavra recebida de Deus, conservou-a no seu coração e venceu o egoísmo. Os jovens também, diz o Papa, devem olhar para Maria como exemplo de defesa e promoção da vida, de ternura, de fortaleza no sofrimento, de pureza na vida e de alegria sadia.<sup>148</sup>

Nas Jornadas Mundiais os jovens são convidados a confiar o coração a Maria e jamais se separar d'Ela, a caminhar juntamente com Ela e não ter medo de ser santo.<sup>149</sup> Não ter medo a servir Cristo e a sua Igreja com radicalidade, pois ser santo é uma vocação maravilhosa e excelente presente.<sup>150</sup> As palavras de Maria aos servos, "façam aquilo que ele vos disser", exemplificam claramente isso:

Eles contem uma mensagem muito importante, válida para todos os homens de todo o tempo. Façam o que Ele vos disser, significa: ouçam Jesus, meu filho; ajam de acordo com

---

<sup>146</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude», 136.

<sup>147</sup> Cf. MJMJ, 1987, nº 4.

<sup>148</sup> Cf. MJMJ, 1986, nº 2.

<sup>149</sup> Cf. MJMJ, 1990, nº 3.

<sup>150</sup> Cf. MJMJ, 1989, nº 2.

a Sua palavra e confiem n'Ele. Aprendam a dizer sim ao Senhor em todas as circunstâncias da vossa vida. É uma mensagem muito reconfortante, que todos nós precisamos. <sup>151</sup>

A Igreja sente a necessidade de um novo impulso missionário e, por essa razão, o Papa deposita grande esperança nos jovens hodiernos, pedindo que não se esqueçam de agradecer todos os dias ao Espírito Santo, que continua a acender tantas labaredas de compromisso apostólico na Igreja hoje. Refletindo em Maria e confortados pelo Seu auxílio, acolherão a palavra da promessa, guardando-a ciosamente no interior, e serão os arautos da nova evangelização para construir uma sociedade nova e reconciliada no amor. Ela nos ensina que para levar Jesus aos outros não é necessário realizar gestos grandiosos, mas basta simplesmente ter um coração cheio de amor por Deus e pelos irmãos, um amor que nos impulsione a compartilhar os inestimáveis tesouros da fé, esperança e da caridade. <sup>152</sup>

---

<sup>151</sup> Cf. MJMJ, 1987, nº 2.

<sup>152</sup> Cf. MJMJ, 1991, nº 6.

## CAPÍTULO III.

### Critérios para uma lógica de ação pastoral

As Jornadas Mundiais da Juventude, instituídas no pontificado de João Paulo II, são já consideradas como um evento extraordinário da Igreja Católica, influenciando, em larga medida, a ação pastoral. O Concílio Vaticano II diz que, para levar a cabo a missão, a Igreja deve investigar a todo o momento os sinais dos tempos, acompanhar as mudanças e interpretá-las à luz do Evangelho.<sup>153</sup> Percebendo esta realidade a Igreja, tomando o homem como caminho, deu um grande impulso através deste evento que reuniu milhões de jovens a volta do Papa. Se o homem é o caminho fundamental e quotidiano da Igreja, então compreende-se a razão pela qual a Igreja atribui uma especial importância ao período da juventude e aposta fortemente nas Jornadas Mundiais.<sup>154</sup>

Por isso, a pastoral juvenil deve ir ao encontro dos jovens que se conhecem, aos lugares onde se relacionam uns com os outros. Pensa-se numa proposta de revitalização pastoral juvenil que pode ser organizada com um novo ardor missionário para atingir a maioria da juventude.<sup>155</sup> A Igreja tem consciência de que vive no mundo dos homens, esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelas suas derrotas e vitórias, um mundo que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do criador.<sup>156</sup> Portanto, a partir das mensagens deixada pelo Papa, iremos apresentar alguns critérios para a ação pastoral, inspirados neste grande evento. Não iremos esgotar as possibilidades de contributos, mas apresentar algumas diretrizes nucleares que possam contribuir para uma nova evangelização no universo juvenil.

---

<sup>153</sup> Cf. GS, nº 4

<sup>154</sup> Cf. Adérito Gomes Barbosa, *O jovem e a vocação*, 2.<sup>a</sup> ed. (Lisboa: Paulinas Editora, 1995), 31.

<sup>155</sup> Cf. António Ramos do Prado, *Cultura Juvenil: Perspectivas e desafios para novos tempos* (Brasil: Paulus, 2014), 86.

<sup>156</sup> Cf. Pinheiro Teixeira, *Falar de Deus no limiar do Terceiro Milénio* (Apelação: Paulus, 1999), 136.

## 1. Um modelo concreto de comunidade

O Papa João Paulo II, nos seus discursos, delineou, de forma mais precisa e mais sugestiva, um modelo de comunidade cristã que deve esforçar-se em ordem a evangelizar o terceiro milénio. Todos os cristãos devem descobrir aquilo que os une, antes de se realizar a sua plena comunhão.<sup>157</sup> Certamente que o milénio precisa de tomar um rumo certo para o bem e o futuro da humanidade. Partindo da encíclica *Redemptoris Missio*, João Paulo II apresentou o rosto da Igreja comunitária, que é sinal de comunhão trinitária, e, na esteira do seu contributo, algumas dioceses aproveitaram-se das reflexões para fazer o seu plano pastoral.<sup>158</sup> Consciente das limitações da comunidade, chegaram a conclusão de que a Igreja é:

Rica pelo património herdado de séculos, mas viva e atual em cada época. Pecadora e limitada, mas, por outro lado, empenhada em se renovar e santificar com a graça de Jesus Cristo. Que acolhe e promove a diversidade de ministérios dentro da unidade do mesmo Corpo de Cristo. Que não é deste mundo, mas se socializa com ele, como alma e consciência dos povos, de modo a estimular a dignidade e a dimensão transcendente da pessoa.<sup>159</sup>

Para anunciar a salvação ao mundo não bastam as palavras enfeitadas. São, sobretudo, necessários sinais, modelos que exemplifiquem a proposta do Evangelho, que questionem pela forma persuasiva do seu testemunho vivido, pois cada católico deve sentir-se como membro dessa comunidade, deve conhecer e amar, deve empenhar-se, consciente e ativamente, na edificação e no seu aperfeiçoamento.<sup>160</sup>

Ratzinger, afirma que João Paulo II, desde o início do seu pontificado, logo na primeira encíclica, deu algumas diretrizes que podem servir de fundamento para uma comunidade humana. Evidenciou a preocupação com a dignidade das pessoas, os sistemas políticos que se tinham afastado das exigências da moral e da justiça. Contra a cultura da morte, adverte para a

---

<sup>157</sup> Cf. João Paulo II, *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*, 12.

<sup>158</sup> Cf. Diocese do Porto, ed., *Orientações diocesanas de pastoral* (Porto, 1991), 198.

<sup>159</sup> Diocese do Porto, *Orientações diocesanas de pastoral*, 190–91.

<sup>160</sup> Cf. Maurílio De Gouveia, *Ser cristão hoje*, Lucerna (Cascais: Príncipia Editora, 2011), 129.

cultura da vida.<sup>161</sup> O Papa João Paulo II manteve um grande interesse pelas questões da cultura. Basta recordar os seus encontros anuais, em Castelgandolfo, com os cientistas e os filósofos. Esses encontros foram para ele ocasiões de diálogo e confronto, mas permitiram-lhe igualmente informar-se sobre o progresso do pensamento humano e sobretudo pensar os modos como esse progresso pode estar ou não ao serviço da vida do homem e da sua dignidade.<sup>162</sup>

Temos uma comunidade que não tem o hábito de anunciar o Evangelho aos descrentes, ou àqueles que não têm a alma aberta para o religioso. Uma comunidade que está mais habituada e preparada para explicar a fé que vive, ou procura conhecer, a celebrar os sacramentos daqueles que procuram, a dar normas àqueles que julgamos súbditos da Igreja.<sup>163</sup> Nas comunidades, temos de estar preparados para propor a fé aos que não conhecem o Evangelho. Nos discursos das Jornadas Mundiais da Juventude, afetuosamente o Papa pediu aos jovens que fizeram parte da grande comunidade juvenil e eclesial reunida que colaborem com os clérigos e religiosos, juntamente com todo aqueles que acompanham os jovens nesta caminhada.<sup>164</sup>

O Papa não pretende disciplinar os jovens, não se preocupa com resultados imediatos dos encontros com eles, mas está convencido que lhes deve testemunhar uma grande mensagem de amor. Os jovens ouviam o que o Papa dizia porque sabiam que também os tomava a sério.<sup>165</sup> Portanto, ouvindo o Pastor da Igreja, tinham o mesmo pensamento e espírito que é o vínculo de uma verdadeira comunidade desejada por Jesus Cristo: “Que haja um só rebanho e um só Pastor” (Jo 10, 14-16). Promover a unidade é efetivamente algo que se harmoniza com a missão essencial da Igreja.<sup>166</sup> A Igreja é essencialmente comunidade, pela íntima união de pensamento, vida e ação dos fiéis com Jesus Cristo e entre si, o que manifesta como sacramento de unidade no mundo. Acreditando nos jovens, o Papa deixou uma grande novidade que pode surpreender

---

<sup>161</sup> Cf. Joseph Ratzinger, *Deus e o Mundo: A fé cristã explicada por Bento XVI* (Coimbra: Tenacitas, 2006), 375.

<sup>162</sup> Cf. Stanislaw Dziwisz, *Uma vida com Karol* (Libreria Editrice Vaticana, 2007), 174.

<sup>163</sup> Cf. Diocese do Porto, *Orientações diocesanas de pastoral*, 33.

<sup>164</sup> Cf. MJMJ, 1987, n.º 1.

<sup>165</sup> Cf. António Loureiro, «João Paulo II e o Jovens», *Estudos Teológicos*, n. 16 (2012): 103.

<sup>166</sup> Cf. GS, n.º 42.

o mundo infelizmente ainda ferido e dividido pelos conflitos violentos: eles são chamados a viver a fraternidade, não como uma utopia, mas como uma possibilidade real. Ainda nesta sociedade são chamados a construir, como verdadeiros missionários de Cristo, a civilização do amor.<sup>167</sup>

Os jovens devem, pois, assumir a responsabilidade na comunidade cristã, ou seja, na Igreja. Que os jovens sejam a Igreja e a Igreja seja jovem. Na linha do pensamento do Papa João Paulo II, o Papa Francisco manifesta o seu desejo de a Igreja confiar aos jovens as responsabilidades importantes, de deixar espaço para assumirem as suas responsabilidades.<sup>168</sup>

Erofilho defende que muitos jovens não se sentem bem participando numa Igreja estática, mas numa Igreja dinâmica, que não os teme e sai do fechamento, como fez o Papa no decurso das XX JMJ, para pregar e testemunhar publicamente a própria fé. Daí a necessidade de a pastoral juvenil promover e estimular as peregrinações a lugares, às vezes desconhecidos ou abandonados, que possibilitem aos jovens descobrir as raízes cristãs da sua história e cultura.<sup>169</sup>

## **2. Uma Pastoral diferenciada**

Vivemos num contexto diferente em que é necessária uma nova abordagem pastoral, porque a fé dos destinatários pede uma resposta diferenciada aos agentes, nos conteúdos e nos procedimentos.<sup>170</sup> Temos de ter em conta a multiplicidade de condições sociais e religiosas dos destinatários.

Neste contexto da pastoral diferenciada, devemos dar uma especial atenção à realidade juvenil, ter em conta a situação em que se encontram e os centros de interesse que os movem

---

<sup>167</sup> Cf. MJMJ, 1996, nº 8.

<sup>168</sup> Cf. Papa Francisco, «É tempo de os jovens assumirem sua responsabilidade na Igreja», 16 de Agosto de 2018, <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-02/jovens-protagonismo-igreja-papa-francisco-jmj.html>.

<sup>169</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas Mundiais da Juventude», 21.

<sup>170</sup> Cf. Rui Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização», *Theologia*, 2ª Série, nº 47,1 (2012): 74.

para poder torná-los agentes ativos da evangelização. É necessário ajudar a despertar, de uma maneira viva e estimulante, a vocação e missão cristã. Conhecendo pessoalmente cada situação em que se encontra a juventude, será mais proveitoso. Para isto, é fundamental que quem os acompanha seja uma pessoa esclarecida, com abertura ao Espírito, que, por meio de uma pedagogia eficaz, consiga incentivar cada indivíduo a estar sempre alegre e a poder transmitir aos outros esta alegria. Von Balthasar comunga da mesma ideia dizendo que:

A sua inteligência está dotada com uma luz própria exatamente adequada para o que necessita, para escutar Deus que lhe fala. A sua vontade é tão superior a todos os instintos e tão aberta a todos os bens como para seguir sem coações os atrativos do bem mais beatificante. O Homem é um ser com Mistério no seu coração que é amor de si mesmo.<sup>171</sup>

Muitas vezes, nas mensagens das Jornadas, o Papa João Paulo II, aponta aos jovens a Igreja diocesana como lugar da sua realização. Será mais frutuoso se em torno dos seus bispos, sucessores dos apóstolos, cada jovem descobrir a sua própria Igreja paroquial. Certamente descobrirá a sua própria missão com plena consciência e responsabilidade.<sup>172</sup> No contexto em que vivemos, é notória a ausência ou a fraca participação dos jovens na Igreja. O Papa Francisco, num dos seus discursos, adverte que os jovens devem ser levados a sério como protagonistas de uma nova evangelização. Neste contexto, a pastoral diferenciada deve conhecer modalidades de abertura da Igreja aos jovens, que nunca deve fechar a porta nem deixar de os ouvir carinhosamente.<sup>173</sup> Agora não se pode pensar em fazer uma pastoral para os jovens. É necessário, sim, que se faça uma pastoral com os jovens.<sup>174</sup> Eles mesmos trazem a sua experiência cultural na primeira pessoa, embora de forma, por vezes, confusa. Hervieu-Légér sublinha:

---

<sup>171</sup> Hans Urs von Balthasar, *La oración contemplativa* (Madrid: Encuentro Ediciones, 1985), 16.

<sup>172</sup> Cf. MJMJ, 1989, nº 3.

<sup>173</sup> Cf. Papa Francisco, «Uma Igreja que não arrisca envelhecer», *L'osservatore Romano*, 22 de Março de 2018, 1.

<sup>174</sup> Cf. Caro Milva, «Pastoral Intercultural: Em prol dos jovens e dos migrantes», *Revista Eclesiástica Brasileira* 70 (2010): 363.

A condição moderna caracteriza-se, já o dissemos, pelo imperativo que se impõe ao indivíduo de produzir ele mesmo as significações da sua própria existência através da diversidade das situações que experimenta, em função dos seus próprios recursos e disposições. Ele deve, deste modo, interpretar esta sucessão de experiência discordantes com um percurso com sentido.<sup>175</sup>

A Igreja deve ser lugar de comunhão entre os homens e as mulheres, a referência daquele que acolhe, perdoa e orienta os jovens. Por isso, a Igreja não se pode confundir com uma sociedade de serviços burocráticos, nem com um clube de competição e bem-estar imediato.<sup>176</sup>

### **3. A pastoral do grupo**

No início do nosso trabalho, chegamos a um consenso de que a sociedade juvenil é uma sociedade marcada por grupo, definido não pela faixa etária, mas sim por afinidade de agrupamento de cada jovem. Nas Jornadas Mundiais da Juventude João Paulo II refere aos jovens a importância de estarem em grupos para desenvolver as suas qualidades de nunca agirem individualmente sem escutarem o outro. Na verdade, pelo facto de ser pessoa cada jovem é fundamentalmente igual a qualquer outro por várias razões: por participar da mesma natureza racional, por ter a mesma origem, por prosseguir o mesmo destino temporal e eterno, por ser, enfim, irrepetível e único.<sup>177</sup> Entende-se que nos pequenos grupos os jovens possam debater as questões pertinentes com maior abertura. Também é nos pequenos grupos que a mensagem do Evangelho chegará ao seu destino com maior eficácia. Em pequenos grupos multiplicam-se as oportunidades de ouvir e estudar a Palavra do Senhor, especialmente através da *lectio divina*. Guiados pela Sagrada Escritura, pode reconhecer a presença do Senhor em Jornadas em que todos podem falar familiarmente do criador.<sup>178</sup>

---

<sup>175</sup> Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido*, 99.

<sup>176</sup> Cf. José Delicado Baeza, «Sobre la pastoral juvenil hoy», *Revista Agustiniana*, nº 101 (1992): 775.

<sup>177</sup> Cf. António Dos Reis Rodrigues, *Pessoa, Sociedade e Estado*. (Rei dos livros, 1991), 36.

<sup>178</sup> Cf. MJMJ, 1996, nº 7

Os jovens são chamados a viver a fraternidade no seu grupo juvenil, não como uma utopia, mas como uma possibilidade real.<sup>179</sup> Portanto, a pastoral juvenil deve considerar essa perspectiva, animada pelo vigor juvenil com o desejo de salvação de todos os homens. Suscitar localmente os grupos juvenis em diversas iniciativas pastorais, faz com que os jovens compreendam que a missão na Igreja é essencial a todos os batizados.

Naquele encontro esperado, todos nos sentiremos em comunhão de orações, amizade e fraternidade, de responsabilidade e compromisso, com os outros jovens que, em torno de seus Pastores, celebrarão este Dia nas Igrejas locais em todo o mundo; também nos sentiremos unidos com todos aqueles que buscam a Deus com um coração sincero e desejo de dedicar sua juventude para a construção de uma nova, mais justa e fraterna sociedade.<sup>180</sup>

Portanto nos grupos os jovens têm a vantagem de possibilitar e conhecer as opiniões e os sentimentos de cada um. Ali sente-se euforia em desenvolver a inovação, transformar as suas mentalidades, pelo melhor. Tomam a sério a sua maturidade humana e cristã, sentem a necessidade da mudança do comportamento e procuram descobrir Jesus Cristo e a sua mensagem.

#### **4. Uma nova saída pastoral**

João Paulo II, durante o seu pontificado, impulsionou o campo da pastoral juvenil com as suas mensagens nas Jornadas, que marcaram a ação pastoral. Atualmente trouxe o Papa Francisco um novo ardor com a sua proposta pastoral de Igreja aberta, que deve ser lida como nova atualização daquele impulso pastoral. O atual Papa tem reiterado a ideia de que a Igreja deve sair ao encontro dos jovens que estão à beira do caminho a ver o mundo passando à sua frente, para dar uma resposta credível e uma opção fundamental para toda a vida.<sup>181</sup>

---

<sup>179</sup> Cf. MJMJ, 1996, nº 8.

<sup>180</sup> MJMJ, 1986, nº 1.

<sup>181</sup> Cf. Reinaldo David Roa Servin, «El trabajo pastoral con la realidade juvenil urbana», *Escuela Teológica*, 2016, 26.

Na esteira da Jornada Mundiais da Juventude, um evento que exige uma certa mobilização de todos os agentes pastorais, indo ao encontro de todos os jovens, hoje, o Papa Francisco trouxe uma nova dinâmica de Igreja em saída. Vai ao encontro dos que se encontram na periferia. Analisando as dinâmicas das Jornadas Mundiais observa-se que continua a ser necessária uma nova viragem para ir ao encontro destes. Anteriormente para as Jornadas eram os próprios jovens que se mobilizavam para participar no evento; no século XXI, é a própria Igreja que deve sair do seu comodismo e ir à periferia.

Utilizando esta pedagogia e a forma de levar a notícia, criando uma forma de pastoral juvenil, certamente se colherão muitos frutos, não somente para a Igreja, mas também para o bem dos jovens que querem um novo rumo em sua vida. Pode dar princípios e orientações, mas estes princípios devem ir ao encontro da realidade juvenil.<sup>182</sup>

Estes jovens procuram um espaço, uma oportunidade. Alguns são protagonistas no seu contexto social. Outros, mais no anonimato, esperam essa oportunidade. É necessária uma pastoral que acolha os adultos comprometidos e, ao mesmo tempo, que não feche as portas aos jovens protagonistas do novo milénio.<sup>183</sup>

Esta pastoral que sonhamos deve estar em movimento e atenta a aprender com o Senhor Jesus a manter a comunhão, a ir ao encontro do mais frágeis e dos mais pobres.<sup>184</sup> Afirmar-se-á, portanto, como uma ação pastoral que evoca a figura de Jesus enquanto Bom Pastor, com tudo o que significa na missão dos responsáveis pastoralistas.<sup>185</sup>

Na mensagem da V Jornada Mundial da Juventude, o Papa João Paulo II mostrou-se aberto a dar grande relevância à pastoral juvenil na Igreja. Para ele, os jovens são sarmentos vivos destinados a dar muitos frutos na Igreja. Devem permanecer no serviço da Igreja, sem reservas, com a entrega e generosidade próprias da sua idade.<sup>186</sup> De certo modo, apontou este

---

<sup>182</sup> Cf. Roa Servin, «El trabajo pastoral con la realidade juvenil urbana», 26.

<sup>183</sup> Cf. Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização», 79.

<sup>184</sup> Cf. Alberto, «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização», 80.

<sup>185</sup> Cf. Baeza, «Sobre la pastoral juvenil hoy», 745.

<sup>186</sup> Cf. Baeza, «Sobre la pastoral juvenil hoy», 766.

setor da pastoral juvenil como um lugar privilegiado de descoberta da Igreja, valorizando as comunidades e movimentos eclesiais que se abrem a esta novidade.

A nova condição juvenil exige abandonar os esquemas pré-fabricados, indo ao encontro dos jovens onde eles estão, adaptando-se aos seus tempos e aos seus ritmos. Porque eles levam a vida a sério nas dificuldades que tem de enfrentar a realidade em que vivem, ao transformar um anúncio recebido em gestos e palavras, no esforço de construir a própria história na busca mais ou menos consciente de sentido para as suas vidas.

## **5. Desafios pastorais da cultura digital**

No dizer do Papa João Paulo II, os novos *media* são como que o primeiro areópago dos tempos modernos.<sup>187</sup> A nossa Igreja, cada vez mais, insere-se no mundo digital, por meio de sites, blogs, vídeos, redes sociais digitais, aplicações, etc. Tudo isto faz parte da evangelização e enriquece a vida da Igreja, pois ela precisa de dialogar com o sujeito do seu tempo, por força do mandato de Cristo: «Ide por todo o mundo e anunciai o evangelho a toda a criatura» (Mc 16,15). Assume, assim, uma missão extraordinária de comunicação e, por isso, uma missão responsabilizadora na utilização dos novos meios.

O Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, destacou que a Igreja deve comunicar a sua mensagem à cultura em que vive e na linguagem dessa mesma cultura.<sup>188</sup> A Igreja é um acontecimento comunicativo no seu ser e no seu agir, comunica a mensagem que recebeu e manifesta ou desvela o mistério que a envolve e precede. Ela deve, então, manter uma presença ativa e atenta ao mundo, de modo a sustentar e a animar os que procuram soluções aceitáveis para problemas pessoais e sociais.

Na mensagem para o dia Mundial da Comunicação Social de 2014, o Papa Francisco escreveu que a rede digital pode ser um lugar rico de humanidade, não uma rede de cabos, mas

---

<sup>187</sup> Cf. (Mensagem do dia Mundial da Comunicação social), MMCS-39º, 2005, nº 2.

<sup>188</sup> Cf. GS, nº 44.

de pessoas humanas. Os *media* podem ajudar a sentir-nos mais próximo uns dos outros e a fazer-nos perceber um renovado sentido de unidade da família humana, que impele à solidariedade e a um compromisso sério para uma vida mais digna.<sup>189</sup> Portanto, a rede digital é um tecido congregador das experiências humanas, onde podemos fazer uma pastoral profunda e radical entre os seres humanos. A Igreja deve ver com bons olhos as novas tecnologias e seus produtos aproveitando o seu valor no projeto de Deus para o mundo.<sup>190</sup> O espaço digital não é inautêntico, alienado, falso ou aparente, mas é uma extensão do nosso espaço vital quotidiano que exige a responsabilidade e dedicação à verdade.<sup>191</sup>

No mundo de tecnologia e de muitas experiências humanas é necessário questionar a dimensão na qual se vive o Evangelho. Vivemos bombardeados pelas mensagens, pela superinformação.<sup>192</sup> Não podemos fechar os olhos a esse imenso benefício que os meios de comunicação representam em termos de democratização do conhecimento, distribuição da informação, nivelamento do acesso aos bens culturais e ao lazer, bem como ao desenvolvimento espiritual.

No mundo pós-moderno, fragmentário, a Igreja deve avançar para o espaço público, anunciando aquilo que define a sua missão. Hoje, há vários meios que favorecem o anúncio do Evangelho e devemos apropriar-nos deles. Estes novos meios devem revelar-se capazes de acompanhar os jovens na fé, através de propostas que os encontrem na condição concreta das suas vidas e os conduzam à experiência de ser adulto na fé.<sup>193</sup>

Hoje, as redes sociais digitais tornam-se cada vez mais parte do próprio tecido da sociedade, enquanto unem as pessoas na base destas necessidades fundamentais. Por isso, as redes sociais são alimentadas por aspirações radicadas no coração do homem. A nova cultura das redes sociais digitais implementou mudanças na forma e no estilo de comunicação que

---

<sup>189</sup> Cf. Papa Francisco, MMCS, 2014.

<sup>190</sup> Cf. António Spadaro, «Desafios pastorais da cultura digital», *Eborensia*, nº 51 (2017): 115.

<sup>191</sup> Cf. Spadaro, «Desafios pastorais da cultura digital», 114.

<sup>192</sup> Cf. Spadaro, «Desafios pastorais da cultura digital», 117.

<sup>193</sup> Cf. Rui Alberto, «Campos prioritários da pastoral vocacional: Pastoral juvenil», *Eborensia*, nº 49 (2015): 132.

colocam sérios desafios àqueles que querem transmitir valores. Como já se sublinhou, o ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas, especialmente a camada juvenil.<sup>194</sup>

Por conseguinte e antes de mais nada, os novos *media* oferecem aos presbíteros perspectivas sempre novas e, pastoralmente, ilimitadas, que os solicitam a valorizar a dimensão universal da Igreja para uma comunhão ampla e concreta; a ser no mundo de hoje testemunhas da vida sempre nova, gerada pela escuta do Evangelho de Jesus, o Filho eterno que veio ao nosso meio para nos salvar.<sup>195</sup>

É importante estarmos conscientes de que estas maravilhosas invenções da técnica, que potenciam a comunicação entre os indivíduos e comunidades, devem ser encaradas como instrumento dos planos de Deus para promover as relações sociais entre os seres humanos. Neste sentido, João Paulo II, em termos gerais, reconhece nos instrumentos de comunicação social o caminho que hoje se privilegia para a criação e a transmissão de cultura.<sup>196</sup>

É recomendável a todas as pessoas, a todos os níveis na Igreja, que lancem mão destes novos meios de comunicação, de maneira criativa, para assumirem as responsabilidades que lhes cabem e para ajudarem a Igreja a cumprir a sua missão.<sup>197</sup> Os presbíteros, diáconos, religiosos e fiéis leigos no campo da pastoral deveriam ser formados no campo dos *mass media* dos *media* digitais para aumentar a sua compreensão acerca do impacto das tecnologias de comunicação e ambientes digitais sobre os indivíduos e a sociedade, e para os ajudar a adquirir uma forma de comunicar que transmita uma mensagem às sensibilidades deste «novo mundo».<sup>198</sup>

---

<sup>194</sup> Cf. Bento XVI, «O sacerdote e a pastoral no mundo: os novos media ao serviço da Palavra», 2010, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20100124\\_44th-world-communications-day.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html).

<sup>195</sup> Bento XVI, «O Sacerdote e a pastoral no mundo digital».

<sup>196</sup> Cf. João Paulo II, «*Chritifideles Laici*», 44.

<sup>197</sup> Cf. John P. Foley, «A Igreja e a Internet», 2002, 10, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_20020228\\_church-internet\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_sp.html). John P. Foley foi o presidente do conselho Pontifício para as comunicações sociais.

<sup>198</sup> Cf. Foley, «A Igreja e a Internet», 11.

## Conclusão

Durante o pontificado do Papa João Paulo II, realizaram-se dezanove Jornadas Mundiais da Juventude, que contaram com a presença do Papa. Estas Jornadas contribuíram para a jovialidade da Igreja e permitiram um diálogo com a cultura contemporânea. O facto de serem realizadas para os jovens e pelos jovens constituiu a chave do sucesso do evento. Estas Jornadas tem um significado espiritual muito profundo para os jovens, tornando-se uma ocasião singular de evangelização.

Estes acontecimentos ajudaram a que os jovens tomassem consciência da sua missão na sociedade e na Igreja, e também ajudou os adultos a reconhecerem a necessidade de depositar confiança nos jovens, atribuindo-lhes responsabilidades, pois eles são os protagonistas do futuro da humanidade. Pensamos que os ensinamentos destas Jornadas devem incorporar os projetos pastorais das igrejas particulares, em ordem a uma eficaz evangelização dos jovens. Muitas vezes o Papa referiu que a Igreja necessita de jovens, e estes têm a missão fundamental de evangelizar os outros jovens. Na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, nº 33, o Papa afirma que os que têm a graça de acreditar em Cristo, revelador do Pai e Salvador do mundo, têm a obrigação de mostrar a profundidade a que pode levar o relacionamento de Deus. Daí que o exemplo e o testemunho de cada jovem se constituam como fatores importantes e educativos na organização da pastoral juvenil. Por isso, entre as palavras e ações não deve haver incoerência.

Os jovens estão abertos à proposta cristã, ainda que se apresentem distanciados em relação à Igreja. No entanto, reconhece-se que os jovens hodiernos necessitam de formação e de acompanhamento, em que se associem os fundamentos da fé e a experiência cristã. Uma formação sólida e aturada, constantemente nutrida pela mediação da palavra de Deus, acompanhada espiritualmente para descobrir o que mais importa na vida. Uma espiritualidade

mais profunda, algo que lhes toque o coração e dê sentido a um mundo confuso e muitas vezes alienante.

Constatamos que a pastoral juvenil não deve ser algo rotineiro. Tem de ter a capacidade de redescobrir a dimensão profética diante dos desafios, reencontrando o ardor, a coragem, a capacidade de ir contra a corrente, como diz o Papa. Seria bom que em cada Igreja local se promovesse essa experiência dinâmica, encorajando o conhecimento, promovendo debates nas escolas, nas paróquias, nos movimentos eclesiais e nas novas comunidades.

Hoje, os jovens experimentam grandes desafios e ao mesmo tempo grandes sofrimentos. Por vezes, buscam soluções para os seus problemas em mundos alienantes. É preciso, portanto, um acompanhamento próximo e uma apresentação de novas propostas, que consigam mostrar caminhos de felicidade e realização pessoal. Neste sentido, as comunidades cristãs têm um importante trabalho a desempenhar. Exige-se da pastoral local o estabelecimento de dinamismos de escuta e acompanhamento personalizado. Trata-se da aplicação do modelo do Bom Pastor que deixa as noventa e nove ovelhas para ir à procura de uma que anda perdida (Mt 18, 12-14). Na homilia para os universitários em Roma, em 2002, o Papa deixou um ensinamento que pode servir de chave para uma pastoral juvenil: «Deus não considera a humanidade como uma massa anónima, mas se detém diante de cada um e cuida de cada um pessoalmente».<sup>199</sup>

Pensar hoje a pastoral juvenil implica necessariamente fazer referência ao magistério eclesial do Papa João Paulo II, que consideramos ser um autêntico mestre para a pastoral juvenil. Os acontecimentos dedicados aos jovens, protagonizados pelo Papa para os jovens, marcaram o dinamismo de ação pastoral e ainda hoje são uma referência no seio da Igreja católica.<sup>200</sup>

---

<sup>199</sup> MEU, Roma, 2002, n° 5.

<sup>200</sup> Cf. Cardoso, «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas jornadas mundiais da juventude», 193.

Estes novos sujeitos produzem um conjunto de características próprias e demonstram que não querem atuar apenas como recetores passivos dos produtos dos mercados, mas recriam os sentidos e os estilos a partir do que lhes é oferecido. João Paulo II nas suas reflexões, mostra uma certa preocupação relativamente às culturas juvenis. As culturas juvenis ou práticas culturais aparecem geralmente referenciadas a um conjunto de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinam a chamada condição juvenil. Nota-se que a juventude tem sido marcada por novas formas sociais, relativamente à família, à escola, à Igreja, à política e ao espaço público, isto é, novas formas de sociabilidade. Tais desafios exigem da comunidade cristã um esforço de interpretação destes fenómenos juvenis.

Os jovens buscam propostas que estejam de acordo com as demandas da sua própria geração. A JMJ foi um evento que veio dar resposta a esta população juvenil. João Paulo II instituiu esta Jornada como forma de evangelizar o mundo juvenil, com o intuito de os jovens preparar os para o grande Jubileu. Assim, a prioridade pastoral consiste em fortificar os jovens na relação com Jesus. Foi possível vislumbrar que as JMJ oferecem diretrizes pastorais úteis à pastoral juvenil, em ordem a uma vida profundamente radicada em Jesus. As JMJ tiveram a sua inspiração na experiência de Taizé, a comunidade fundada em 1940 pelo Irmão Roger, voltada para o acolhimento dos jovens em particular, a experiência do grande encontro anual numa cidade do mundo. Em 1985, ano que ONU decreta o ano Internacional da Juventude, o Papa João Paulo II anunciou as Jornadas Mundiais da Juventude. As JMJ fizeram com que o Papa estivesse cada vez mais perto da juventude e os jovens chamados a responder ao convite dirigido pelo Papa. O Papa usa uma linguagem carinhosa que cativa os corações dos jovens.

É interessante notar que as dinâmicas das JMJ favorecem o empenhamento da parte de todos os jovens. São eles mesmo a promover as suas atividades, juntamente com os agentes pastorais. Notemos que a pastoral mudou de cenário. Em vez de os adultos programarem atividades para os jovens, eles participam ativamente na sua programação. Para o Papa, estes jovens têm a necessidade de reconhecimento e amor, sobretudo quando começam a agir

autonomamente. São eles o futuro da humanidade. No início do novo milênio, o Papa lançou uma palavra de ordem: *Duc in altum*. O Papa encoraja os jovens a serem construtores de uma sociedade que enfrenta grandes desafios. Desde o início das JMJ, o Papa teve sempre presente a ideia de uma nova evangelização que privilegiasse os jovens hodiernos. Mostra confiança nos jovens, que partirão pelas ruas para serem operários de uma nova evangelização. Entre o Papa e os jovens há fascínio mútuo. Há uma troca de olhares marcados pelo amor evangélico. Os jovens que participam nas JMJ reconhecem este calor humano que caracteriza o encontro com o Papa. Sentem-se particularmente atraídos pela ternura e humanidade do Papa.

A Igreja é contra todo e qualquer abuso que coloque em perigo a pessoa humana. Neste contexto, como pressuposto mariológico, o Papa convida os jovens a meditar na vida de Maria, porque ela mostra o verdadeiro significado da vida. Realça o Papa a figura de Maria como modelo da fé e verdadeira discípula. A dignidade da pessoa humana é o pressuposto fundamental das mensagens. O pressuposto cristológico revela que a vida verdadeira se expressa no dom de si, fruto da graça de Cristo, uma existência livre, em comunhão com Deus e com os irmãos.

Conclui-se que pensar hoje a pastoral juvenil implica necessariamente fazer referência às JMJ, com as propostas e reflexões do Papa João Paulo II. A pastoral juvenil deve ir ao encontro dos jovens que se conhecem e aos lugares onde se relacionam uns com os outros. O Papa não pretende disciplinar os jovens, não se preocupa com resultados imediatos, nos encontros com eles, mas está convencido que lhes deve anunciar uma mensagem de amor, tendo em conta a multiplicidade de condições sociais e religiosas dos destinatários. Na pastoral diferenciada deve haver uma forma de abertura da Igreja aos jovens, sem nunca fechar a porta, para os ouvir carinhosamente. Espera-se que, nos pequenos grupos, os jovens possam debater as questões pertinentes com maior abertura. A Igreja deve sair ao encontro dos jovens que estão à beira do caminho a ver o mundo passar à sua frente. Estes jovens procuram um espaço, uma oportunidade, sendo alguns protagonistas, dentro do seu contexto social, ou estando outros num

certo anonimato, esperando essa oportunidade. A Igreja deve comunicar a sua mensagem na cultura em que vive, usando a linguagem dessa mesma cultura.

## Bibliografia

### a) Mensagens e Homilias no contexto da JMJ

- Documentos fundamentais, Santo Padre aos jovens. Jornada Mundial da Juventude. Acedido a 1 de junho de 2018. [http://www.vatican.va/gmg/years/gmg\\_1987\\_po.html](http://www.vatican.va/gmg/years/gmg_1987_po.html).
- João Paulo II. «Homilia da Jornada em 1987». Acedido a 10 de setembro de 2018. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1987/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19870412\\_celebraz-giornata-gioventu.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1987/documents/hf_jp-ii_hom_19870412_celebraz-giornata-gioventu.html).
- \_\_\_\_\_, «Homilia da Jornada em 1989». Acedido a 11 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1989/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19890820\\_gmg.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1989/documents/hf_jp-ii_hom_19890820_gmg.html).
- \_\_\_\_\_. «Homilia da Jornada em 1991». Acedido a 11 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19910815\\_jasna-gora-gmg.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1991/documents/hf_jp-ii_hom_19910815_jasna-gora-gmg.html).
- \_\_\_\_\_. «Homilia da Jornada em 1993». Acedido a 10 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1993/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19930404\\_palm-sunday.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/homilies/1993/documents/hf_jp-ii_hom_19930404_palm-sunday.html).
- \_\_\_\_\_. «Homilia da Jornada em 1995». Acedido a 10 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1995/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19950409\\_domenica-palme.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1995/documents/hf_jp-ii_hom_19950409_domenica-palme.html).
- \_\_\_\_\_. «Mensagem da Jornada em 1986». Acedido a 2 de setembro de 2017. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_30111986\\_ii-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_30111986_ii-world-youth-day.html).
- \_\_\_\_\_. «Mensagem da Jornada em 1988». Acedido a 5 de setembro de 2017. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_27111988\\_iv-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_27111988_iv-world-youth-day.html).
- \_\_\_\_\_. «Mensagem da Jornada em 1989». Acedido a 10 de setembro de 2017. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_26111989\\_v-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_26111989_v-world-youth-day.html).
- \_\_\_\_\_. «Mensagem da Jornada em 1989». Acedido a 5 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1989/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19890820\\_gmg.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1989/documents/hf_jp-ii_hom_19890820_gmg.html).
- \_\_\_\_\_. «Mensagem da Jornada em 1990». Acedido a 10 de setembro de 2017. URL:<[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_15081990\\_vi-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081990_vi-world-youth-day.html)>.
- \_\_\_\_\_. «Mensagem da Jornada em 1991». Acedido a 10 de setembro de 2017. URL:<[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_24111991\\_vii-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_24111991_vii-world-youth-day.html)>.

- . «Mensagem da Jornada em 1991». Acedido a 4 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19910815\\_jasna-gora-gmg.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1991/documents/hf_jp-ii_hom_19910815_jasna-gora-gmg.html).
- . «Mensagem da Jornada em 1992». Acedido a 11 de setembro de 2017. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_15081992\\_viii-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081992_viii-world-youth-day.html).
- . «Mensagem da Jornada em 1996». Acedido a 10 de setembro de 2017. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_15081996\\_xii-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_15081996_xii-world-youth-day.html).
- . «Mensagem da Jornada em 1997». Acedido a 3 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1997/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19970824\\_youth-paris.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1997/documents/hf_jp-ii_hom_19970824_youth-paris.html).
- . «Mensagem da Jornada em 1999». Acedido a 10 de setembro de 2017. URL:<[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_09011999\\_xiv-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_09011999_xiv-world-youth-day.html)>.
- . «Mensagem da Jornada em 2000». Acedido a 4 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/2000/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20000820\\_gmg.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/2000/documents/hf_jp-ii_hom_20000820_gmg.html).
- . «Mensagem da Jornada em 2002». Acedido a 3 de setembro de 2017. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20020728\\_xvii-wyd.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020728_xvii-wyd.html).
- . «Mensagem da Jornada em 2004». Acedido a 10 de setembro de 2017. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf\\_jpii\\_mes\\_20040301\\_xix-world-youth-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jpii_mes_20040301_xix-world-youth-day.html).
- . «Mensagem da Jornada Mundiais da Juventude», 20 de março de 2018.

## b) Outros documentos

- Bento XVI. «O sacerdote e a pastoral no mundo: os novos media ao serviço da Palavra», 2010. [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20100124\\_44th-world-communications-day.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day.html).
- Bíblia Sagrada, Lisboa: Difusora bíblica, Franciscanos capuchinhos, 5ª edição, 2008.
- Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual (Gaudium et Spes), in Concílio ecuménico Vaticano II, Braga, Editorial A. O., 1983.
- Diocese do Porto, ed. *Orientações diocesanas de pastoral*. Porto, 1991.
- Documentos Pastorais*. Rei dos livros, 1991.
- Foley, John P. «A Igreja e a internet». Pontifício Conselho para as comunicações sociais. 2002, acedido a 5 de junho de 2018  
[URL:<[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_d oc\\_20020228\\_church-internet\\_sp.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_d oc_20020228_church-internet_sp.html)>.
- João Paulo II. «*Christifideles Laici*», 1986. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html).

- \_\_\_\_\_, «Dia Mundial da paz-2004». Acedido a 4 de junho de 2018.  
[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20031216\\_xxxvii-world-day-for-peace.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20031216_xxxvii-world-day-for-peace.html).
- \_\_\_\_\_, «Discurso aos responsáveis pela pastoral juvenil-15/01/200». Acedido 4 de Junho de 2018. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20000115\\_pc-laity.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jan-mar/documents/hf_jp-ii_spe_20000115_pc-laity.html).
- \_\_\_\_\_, *As reflexões para o Ano 2000*. Coleção Vida e Cultura. Lisboa: Livros do Brasil, 1994.
- \_\_\_\_\_. «Discurso do Papa aos jovens praça de Santa Maria Auxiliadora: Visita Pastoral»,1980. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/april/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19800413\\_torino-giovani.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1980/april/documents/hf_jp-ii_spe_19800413_torino-giovani.html).
- \_\_\_\_\_. «Homilia Missa Universitários 2002.» Acedido a 26 de maio de 2018. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_20021210\\_university-students.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20021210_university-students.html).
- \_\_\_\_\_. «Os meios de comunicação: ao serviço da compreensão entre os povos», 2005. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20050124\\_world-communications-day.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20050124_world-communications-day.html).
- \_\_\_\_\_. *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*. 5.<sup>a</sup> ed. Braga: Secretariado geral do Episcopado, 1980.
- \_\_\_\_\_. «*Dilecti Amici* - Aos Jovens e Jovens do Mundo sobre a ocasião do Ano Internacional da Juventude.», 1985. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_letters/1985/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_31031985\\_dilecti-amici.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_letters/1985/documents/hf_jp-ii_apl_31031985_dilecti-amici.html).
- \_\_\_\_\_. «Discurso aos jovens presente na Basílica de Vaticano -20/12/1988». Acedido 4 de Junho de 2018. [http://www.vatican.va/gmg/hf\\_youth/index\\_spe\\_po.html#1978](http://www.vatican.va/gmg/hf_youth/index_spe_po.html#1978).
- \_\_\_\_\_. «Discurso aos jovens universitários participantes no 31.<sup>a</sup> congresso internacional UNIV 98», 1998. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/april/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19980407\\_univ-98.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/april/documents/hf_jp-ii_spe_19980407_univ-98.html).
- \_\_\_\_\_, «*Christifideles Laici*», 1986. [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_30121988\\_christifideles-laici.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html).
- \_\_\_\_\_. *O redentor do Homem: Carta Encíclica Redemptor Hominis*. 5.<sup>a</sup> ed. Braga: Secretariado geral do Episcopado, 1980.
- Papa Francisco. «Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro», 2014. [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html).
- \_\_\_\_\_, «Uma Igreja que não arrisca envelhece». *L'osservatore Romano*. 22 de março de 2018.
- Pordata - Infográfica: Os jovens em Portugal. Acedido a 13 de abril de 2018[URL: <https://www.pordata.pt/Comunicacao/infografia-os-jovens-em-portugal-138>]
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Jesus Cristo caminho-verdade-vida: João Paulo II aos jovens em Santiago de Compostela*. Lisboa: Gráfica Almondina, 1989.

### c) Bibliografia subsidiária

- Alberto, Rui. «A pastoral juvenil no contexto da Nova Evangelização». *Theologia*, 2, n. 47,1 (2012): 71–95.
- . «Campos prioritários da pastoral vocacional: Pastoral juvenil». *Eborensia*, n. 49 (2015): 129–38.
- Balthasar, Hans Urs von. *La oración contemplativa*. Madrid: Encuentro Ediciones, 1985.
- Barbosa, Adérito Gomes. *O jovem e a vocação*. 2.a ed. Lisboa: Paulinas Editora, 1995.
- , «Os jovens católicos face às opções vocacionais na Diocese de Évora». *Eborensia*, nº 15/16(1995):21-38.
- , «Crise religiosa dos jovens ou o descrédito dos modelos tradicionais.» *Eborensia* VIII, n. 15/16 (1995): 21–38.
- Cameira, Mário, e Ricardo Garcia. «Os jovens em Portugal: quem são, onde estão e como estão. Um retrato a partir de indicadores estatísticos selecionados», 10 de Maio de 2017. [URL:<<https://drive.google.com/file/d/0Bxb0qOU4f5UoNm9DUHJjVkkzOW8/view>>].
- Cardoso, Erofilho Lopes. «A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens de hoje nas Jornadas mundiais da juventude». Dissertação de Mestrado, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2006.
- Clemente, Manuel. *O tempo pede uma Nova Evangelização*. Prior Velho: Paulinas, 2013.
- Conselho Pontifício Justiça e Paz. «Compêndio da Doutrina Social da Igreja». Principia Editora, 2005.
- David Roa Servin, Reinaldo. «El trabajo pastoral con la realidade juvenil urbana». *escuela teológica*, 2016.
- Delicado Baeza, José. «Sobre la pastoral juvenil hoy». *Revista agustiniana*, nº 101 (1992): 745-83.
- Dziwisz, Stanislaw. *Uma vida com Karol*. libreria Editrice Vaticana, 2007.
- Gouveia, Maurílio De. *Ser cristão hoje*. Lucerna. Cascais: Príncipe Editora, 2011.
- Fernández, Abel Torano. «Jóvenes Y Nueva Evangelización: Escenario Y Desafíos.» *SalTerrae*, nº 1.168, Tomo 100/6 (2012): 525–38.
- Floristan, Casiano. *Para compreender: A evangelização*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1997.
- Hervieu-Léger, Danièle. *O peregrino e o convertido: A religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005.
- Larraondo Erice, Cristina, e Ana Larraondo Erice. *Geração JMJ-25 Anos da JMJ-25 histórias pessoais*. Secretariado Nacional do Apostolado da Oração. Braga: Editorial A.O., 2011.
- Lecomte, Bernard. *João Paulo II: A tão esperada biografia do último «gigante» da nossa época*. 4.a ed. Porto: Ambar, 2005.
- Lemus, Roberto Brito. «Hacia una sociología de la juventud: Algunos elementos para la deconstrucción de un nuevo paradigma de la juventud». *Última Década*, nº 9 (1998): 1–7.
- Loureiro, António. «João Paulo II e o Jovens». *Estudos Teológicos*, nº 16 (2012): 97–117.
- Martín Velasco, Juan. *A transmissão da fé na sociedade contemporânea*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005.

- Matteo, Armando. *A primeira geração incrédula: A difícil relação entre os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2013.
- Messias, Teresa. «Espiritualidade cristã e identidade crente nas culturas juvenis». *Communio - Revista Internacional Católica*, nº 1 (2012): 113–28.
- Milva, Caro. «Pastoral Intercultural: Em prol dos jovens e dos migrantes». *Revista eclesialística brasileira* 70 (2010): 355–77.
- Pais, Natália. «Juventude». Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.
- Pais, José Machado. *Culturas Juvenis*. Lisboa: Casa da Moeda, 1996.
- Papa Francisco, «É tempo de os jovens assumirem sua responsabilidade na Igreja», 16 de Agosto de 2018. <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-02/jovens-protagonismo-igreja-papa-francisco-jmj.html>.
- Prado, António Ramos do. *Cultura Juvenil: Perspectivas e desafios para novos tempos*. Brasil: Paulus, 2014.
- Ratzinger, Joseph. *Deus e o Mundo: A fé cristã explicada por Bento XVI*. Coimbra: Tenacitas, 2006.
- Rojas, Enrique. *As linguagens do desejo: Chaves para nos orientarmos no labirinto das paixões*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.
- Rodrigues, António Pessoa Dos Reis, *Sociedade e Estado*. Rei dos livros, 1991.
- Silva, Manuel Maria Madureira da. *Reflexos- Eu, o Espelho e a consciência*. Évora: Gráfica Eborense, 2017.
- Santini, Alceste. *A herança espiritual de João Paulo II*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2005.
- Sousa, Manuel Abrunhosa e. «Critérios para uma definição da juventude». *Communio - Revista Internacional Católica*, n. 6 (1995): 485–91.
- Spadaro, António. «Desafios pastorais da cultura digital». *Eborensia*, nº 51 (2017): 113–32.
- Stilwell, Peter. «Juventude e espiritualidade. Associações, movimentos e obras laicais. Breve panorâmica». *Communio - Revista Internacional Católica*, n. 1 (1991): 056–072.
- Szulc, Tad. *João Paulo II: A vida de Karol Wojtyła*. Brasil: Editorial Notícias, 1995.
- Teixeira, Alfredo. «A adolescência e a juventude como culturas: Os quadros sociais da experiência crente» *Theologica*, 2, nº 47,1 (2012): 99–113.
- Teixeira, Pinheiro. *Falar de Deus no limiar do Terceiro Milénio*. Apelação- Portugal: Paulus, 1999.
- Trotta, Felipe. «Jovens contemporâneos: reflexões atuais». *Culturas juvenis no século XX*, São Paulo, 2008, 185–92.

**Anexo 1: Tabela caracterizadora das Jornadas Mundiais da Juventude<sup>201</sup>**

<b>Jornada Ano</b>	<b>Tema</b>	<b>Local</b>	<b>Participação</b>	<b>Obs</b>
<b>Ante Jornada 1984</b>	-----	Roma	-----	Ano Santo da Redenção (o Papa entrega a cruz aos jovens)
<b>1985</b>	-----	Roma	300000	O Papa dedica uma carta Apostólica aos jovens do mundo e anuncia a criação da JMJ
<b>I 1986</b>	Sempre pronto para responder a qualquer um que te pedir a razão da esperança que está em você (1Ped 3, 15)	Roma	350000	Celebrada em diversas dioceses - Domingo de Ramos
<b>II 1987</b>	Conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós (1 Jo 4, 16)	Argentina	300000	A Primeira Jornada fora de Roma
<b>III 1988</b>	Faz o que Ele te diz (Jo 2, 5)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>IV 1989</b>	Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6)	Espanha	600000	Santiago de Compostela
<b>V 1990</b>	Eu sou a videira, vocês são os ramos (Jo 15, 5)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>VI 1991</b>	Você recebeu um espírito de filhos (Rom 8, 15)	Czestochowa	1000000	Polônia
<b>VII 1992</b>	Ide ao mundo inteiro e pregai o Evangelho (Mc 16, 15)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>VIII 1993</b>	Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10, 10)	Denver	500000	EUA
<b>IX 1994</b>	Como o Pai me enviou, também eu te envio (Jo 20, 21)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>X 1995</b>	Como o Pai me enviou, também eu te envio (Jo 20, 21)	Manila	3000000	Filipina
<b>XI 1996</b>	Senhor, para que iremos nós? Só tu tens palavras de vida eterna (Jo 6, 68)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>XII 1997</b>	Mestre, onde você mora? Venha e veja (Jo 1, 38-39)	Paris	1000000	França
<b>XIII 1998</b>	O Espírito Santo te ensinará todas as coisas (Jo 14, 26)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>XIV 1999</b>	O Pai te ama (Jo 16, 27)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>XV 2000</b>	O verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1, 14)	Esplanada de Tor Vergata	2000000	Roma O Grande Jubileu
<b>XVI 2001</b>	Se alguém quiser vir atrás de mim, negue-se a si mesmo, toma a sua cruz todos os dias e siga-me (Lc 9, 23)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>XVII 2002</b>	Tu és o sal da terra... Tu és a luz do mundo (Mt 5, 13-14)	Toronto	800000	Canadá
<b>XVIII 2003</b>	Eis a tua mãe (Jo 19, 27)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses

<sup>201</sup>Cf. Para construir esta tabela recolheu-se informação em: Lecomte, *João Paulo II.*, Larraondo Erice e Larraondo Erice, *Geração JMJ-25 Anos da JMJ-25 histórias pessoais.*, e [http://www.vatican.va/gmg/documents/gmg\\_chronicle-wyd\\_20020325\\_it.html](http://www.vatican.va/gmg/documents/gmg_chronicle-wyd_20020325_it.html).

<b>XIX 2004</b>	Queremos ver Jesus (Jo 12, 21)	Diocese	-----	Celebrada em diversas dioceses
<b>XX 2005</b>	Vimos para adorá-lo (Mt 2, 2)	Colônia		Realizada em Alemanha, pelo Papa Bento XVI.

## Índice

Resumo .....	2
Abstract.....	3
Siglas e abreviaturas .....	4
Introdução .....	5
<b>Capítulo I.....</b>	<b>8</b>
<b>Da juventude às culturas juvenis.....</b>	<b>8</b>
1.    O conceito de juventude.....	8
2.    As culturas juvenis.....	14
3.    A juventude e os problemas sociais.....	17
4.    A juventude e a fé.....	20
5.    A identidade juvenil.....	25
<b>Capítulo II.....</b>	<b>28</b>
<b>As Jornadas Mundiais da Juventude .....</b>	<b>28</b>
1.    Instituição das Jornadas Mundiais da Juventude .....	28
1.1.    Génese: a marca de um pontificado .....	28
1.2.    As JMJ e o modelo de Taizé .....	30
1.3.    As dinâmicas das Jornadas Mundiais da Juventude.....	34
2.    As mensagens do Papa João Paulo II.....	36
2.1.    Os jovens segundo o Papa João Paulo II.....	36
2.2.    Uma nova evangelização.....	38
2.3.    A linguagem da empatia.....	40

2.4. Uma Igreja para os jovens e com os jovens .....	42
2.5. A construção de uma nova civilização.....	44
2.6. Construir a paz diante dos desafios atuais.....	46
3. Pressupostos teológicos fundamentais das mensagens. ....	48
3.1. Pressuposto antropológico: primazia da dignidade da pessoa humana.....	48
3.2. Pressuposto cristológico: da encarnação do Verbo à missão da Igreja.....	50
3.3. Pressuposto mariológico: modelo que conduz os jovens a Cristo .....	52
<b>Capítulo III. ....</b>	<b>55</b>
<b>    Critérios para uma lógica de ação pastoral.....</b>	<b>55</b>
1. Um modelo concreto de comunidade .....	56
2. Uma Pastoral diferenciada .....	58
3. A pastoral do grupo.....	60
4. Uma nova saída pastoral .....	61
5. Desafios pastorais da cultura digital .....	63
Conclusão.....	66
Bibliografia .....	71